

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

Revista Internacional do Espiritismo

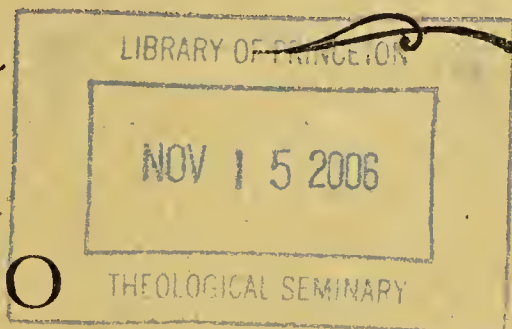
LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :

CAIRBAR SCHUTEL

(De 1925 a 1938)



SUMÁRIO

As Profecias Apocalípticas
O Exemplo e a Mediunidade de José
da Costa Filho
Plenamente Provada a Reencarnação,
afirma Célebre Autor Suéco
O Que Eles Dizem
Deus não existe?
O Desenvolvimento das Ciências con-
firma os Princípios Espíritas
A Evolução da Crença
O Papa e o Papado
Preservando a Diretriz — Médiuns de
Mesas e Terreiros?
Memórias de um Espírita Baiano
Como a Vida é influenciada pelas va-
riações atmosféricas e astrais
Trofologia—A Ciência da Alimentação
Do Verme ao Astro
Crônica Estrangeira
Espiritismo no Brasil

Redação

De "O Clarim"

*Dr. F. H. Wood.
Carlos Imbassahy
V. O. Casella*

*Irmão Saulo
Ismael Gomes Braga
Bianôr Medeiros*

*Italo Ferreira
Leopoldo Machado*

*G. M. Minardi
Tomás Péppe
Luiz Caramaschi
Redação
Redação*

Uma Grande Vida


O confrade deseja conhecer a vida de um dos mais destacados Apóstolos do Cristianismo ou do Espiritismo? Então leia «UMA GRANDE VIDA», um Verdadeiro Tesouro.

Trata-se de uma obra em que o seu autor, Prof. Leopoldo Machado, um dos mais esforçados trabalhadores da seára espírita, narra a vida de Cairbar Schutel desde a sua infância até os seus últimos momentos de vida terrena. Lendo a, vereis os traços característicos de um verdadeiro cristão: fé, renúncia, perseverança, amor fraterno e estoicismo nas lutas. Lendo-a, repetimos, encontrareis fôrça, estímulo e coragem para enfrentar e vencer as lutas, conquistando também um lugar de destaque na vanguarda do véro cristianismo, o que significa a obtenção da verdadeira felicidade, tesouro das nossas principais cogitações.

Leia pois, «UMA GRANDE VIDA».

— A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço: cr.\$ 50,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Médiuns e Mediunidades



Avisamos aos interessados, que já saiu do prélo e está à venda, nova edição deste oportuno trabalho de Cairbar Schutel, que trata do desenvolvimento da mediunidade em todas as suas modalidades. E' um trabalho sintético e bem claro, os seus ensinamentos são de fácil compreensão, sendo indispensável aos estudiosos do psiquismo, principalmente aos médiuns e aos que desejam fazer trabalhos experimentais.

A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço: cr\$.20,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro

Interpretação Sintética do Apocalipse

Avisamos aos interessados, que já saiu do prélo e está à venda, a 7.^a edição da obra do nosso querido companheiro Cairbar Schutel — «INTERPRETAÇÃO SINTÉTICA DO APOCALIPSE». Trata-se de um trabalho realmente substancial, claro, sucinto, oportuno, de fácil compreensão e de atualidade.

E' um dos trabalhos mais perfeitos no assunto de que trata, podendo-se afirmar que se S. João recebeu do Espírito de Jesus as revelações apocalípticas, — Cairbar Schutel recebeu a sua interpretação de um Espírito também superior. E' um livro do momento, porque as profecias apocalípticas estão em pleno desenvolvimento, possivelmente no meio do caminho.

— A' venda na Livraria «O Clarim».

Preço : cr.\$ 25,00, inclusive porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

O DIABO E A IGREJA Em face do Cristianismo

Acaba de sair do prélo a 5.^a edição de «O Diabo e a Igreja em face do Cristianismo», da autoria do nosso querido companheiro Cairbar Schutel, que responde, ao pé da letra, ao livro do Revmo. Padre Bento Rodrigues e aos artigos de mosenhor Seckler contra o Espiritismo.

E' um livro de esclarecimento, que desperta em todos, a idéia, o raciocínio e o sentimento da Imortalidade, mostrando, com clareza e argumentos irretorquíveis, o sentido espiritual, verdadeiro do Cristianismo, que vem sendo deturpado ou mal entendido pelas religiões mundanas. Da sua leitura há muito que aprender no campo da Verdade.

A' venda na Livraria «O Clarim». Preço : Cr. \$ 26,00, inclusive porte e registro.

ANO XXXIV — E. S. Paulo — Matão, 15 de Julho de 1958 — NUM. 6

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabiliza pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *A. Watson Campêlo*

REDATOR : *Italo Ferreira*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação : Av. 28 de Agosto, n. 301 — Oficinas : Rua Rui Barbosa, n. 673

As Profecias Apocalípticas



humanidade está passando por uma das fases mais decisivas de sua evolução no terreno material. Está precisamente no tempo das predições apocalípticas que, quando se

cumprirem integralmente, marcarão o início de uma nova era de paz, de amor e de justiça, era em que o Cristianismo puro terá construído em cada coração, uma cátedra, onde Deus, nosso Pai Celestial, reinará por séculos sem fim.

Estamos assistindo, portanto, a realização das profecias apocalípticas, dadas a João na Ilha de Patmos por Jesus Cristo.

Falando sobre o assunto, já tivemos a oportunidade de dizer que o primeiro selo representa o Espiritismo montado nos fatos espíritas, que saiu vencendo e para vencer. Realmente, estamos vendo que o Espiritismo está vencendo em toda linha, convertendo gregos e troianos à Verdade.

Dissemos certa vez que o cavalo vermelho representa o comunismo, que está tirando a paz da terra; que o cavalo preto representa o nazismo e o fascismo, ideologias que parecem desaparecidas, mas que continuam em fermentação, à espera da primeira oportunidade para se manifestarem; que o cavalo amarelo representa a raça amarela, que está agora ameaçando seriamente a paz. O segundo, o terceiro, e o quarto selos a-

pontam tudo o que está se verificando no mundo: guerras, fome, matança e especulações de toda sorte. O terceiro selo diz: «E ouvi uma voz no meio das quatro criaturas viventes dizendo: Uma medida de trigo (aproximadamente um litro) por um denário», o que significa que os gêneros alimentícios e utensílios alcançariam preços exorbitantes, fora do alcance dos pobres, e isto está realmente acontecendo com a ganância desenfreada de grandes e pequenos comerciantes, sobretudo dos açambarcadores desalmados, que um dia terão que prestar severas contas a Deus.

O quinto selo refere-se aos verdadeiros cristãos, aqueles que foram mortos por causa do testemunho que mantinham sobre Jesus. Eles estão à espera de que se complete o número dos seus conservos e seus irmãos, que devem ser mortos como eles o foram, o que dá a entender que ainda haverá perseguições contra os cristãos. E enquanto isso, o sexto selo entrará em ação. As guerras atingirão o seu ponto culminante. As bombas atômicas e hidrogênicas, os inventos atômicos, enfim, produzirão o maior e o mais devastador de todos os terremotos. O mundo será um vulcão a atirar róis de fumos a grandes alturas, o que dará a impressão de achar-se a humanidade nas entranhas de um vulcão em atividade. E diz o selo apocalíptico: «O sol tornou-se negro como um saco de cilício, e a lua toda tornou-se

como sangue, e as estrêlas do céu caíram sôbre a terra como a figueira agitada de um grande vento, deixa cair os seus figos verdes, e o céu recolheu-se como um pergaminho quando se enrola, e todos os montes e ilhas foram removidos dos seus lugares».

Diz o sétimo sêlo que a sete anjos foram dados sete trombêtas. Ao soar de cada trombêta caiu sôbre a terra as maiores calamidades, a ponto de destruirem a terça parte de tudo quanto existia sôbre a terra.

O comêço dessas predições já está em andamento, conforme estamos vendo. Uma nova guerra, a maior de tôdas as guerras, já começou, e em breve, mais dias menos dias, atingirá o seu ponto culminante, quando então os mortíferos

instrumentos atômicos, encendiarão a maior parte do mundo, deixando-o num montão de cinzas fumegantes, tudo isso produto do orgulho, do egoísmo e das ambições humanas, sinal de que o espírito do cristianismo ainda não medrou nos corações.

O tempo está mais próximo do que se pensa, porque naquela ocasião o anjo disse a João: «Não seles as palavras da profecia dêste livro, porque o tempo está próximo». E de fato já chegou êsse tempo. E o Espiritismo, que chegou na hora exata, está alertando as criaturas no sentido de se confraternizarem de acôrdõ com os ensinõs e exemplos de Jesus, afim de escaparem às grandes tribulações que já começam a infelicitar a humanidade.

O Exemplo e a Mediunidade de José da Costa Filho

COMO sabem os leitores, o «O Clarim» e a «Revista Internacional do Espiritismo», foram fundados por Cairbar Schutel, um dos maiores apóstolos da Doutrina, no Brasil, que, ao deixar a vida material, em 1938, teve como sucessor, na atividade jornalística, o seu antigo tipógrafo, José da Costa Filho, o qual, durante vinte anos, trabalhou incansavelmente na direção e redação de ambas as publicações.

A cinco de fevereiro, deste ano, o Juca, também partiu para o além, deixando-nos um exemplo de dedicação aos deveres e obrigações, e a prova da sua mediunidade intuitiva, caracterizada pela simplicidade, sem nenhuma exibição, pela naturalidade de um homem modesto, simples, sincero.

Nos últimos tempos, de sua vida terrena, já muito doente, quase inteiramente paralítico, certamente presentindo o desenlace, zeloso e trabalhador, como era, teve o cuidado de escrever

os artigos de fundo, que vimos publicando, ainda de sua autoria, como terão notado aquêles que nos lêem.

Mas, o seu cuidado não se limitou a deixar pronta matéria de fundo, a fim de facilitar a tarefa de seus continuadores. Fez mais, médium verdadeiro, tomando as breves mensagens de «Coletânea», a tradicional secção de «O Clarim», igualmente deixou várias dessas produções já redigidas, as quais vem sendo publicadas com a mesma regularidade com que, durante vinte anos, êle as manteve nestas colunas, sob sua responsabilidade de dirigente.

E é interessante assinalar, como afirmação de fé e de entusiasmo, que não ficou nesse esforço a sua preocupação. Deixou, ainda, preparados, para as respectivas oportunidades, o artigo de aniversário de «O Clarim», a sair em 15 de agosto, deste ano, e outro sôbre a data natalícia de Cairbar Schutel, que ocorre a 22 de setembro.

A propósito desses dois trabalhos, êle disse a um amigo: «não sei por que, mas os Espíritos, desta vez, anteciparam de muito a inspiração que me deram dos artigos de aniversários.»

Êle partiu a 5 de fevereiro, muito antes, na verdade, de 15 de agosto e 22 de setembro, ficando, assim, patente a intervenção do invisível sôbre aquêlê trabalhador incansável e sincero.

Sabiam os Espíritos, indubitavelmente, que êle ia partir e, na atividade incessante do seu mundo, aproveitaram os últimos dias da faculdade mediúnica, do Juca, para adiantar o serviço de auxílio que dispensam a êste setor de imprensa espírita.

Não estará, nisso, o sinal límpido de mediunidade e da assistência espiritual aos que, bem intencionados, procuram realizar?

Estas considerações, são motivadas pelo fato de estarmos publicando, hoje, o último escrito do Juca para «O Clarim», e também a úl-

tima «Coletânea» recebida por êle, justamente na véspera do seu desencarne, isto é, a 4 de fevereiro, numa demonstração viva de operosidade até a última hora, e de amor à Causa que defendeu.

Além dessa «Coletânea», resta a que ficou antecipada, ainda por êle, para o aniversário de «O Clarim», a 15 de agosto.

Da série de artigos de

primeira página, deixados pelo Juca, adiantadamente, para a «Revista», os dois últimos, serão publicados nas edições de junho e julho, como conclusão de uma tarefa, que se estendeu além da «morte», significando confiança na vida eterna.

Aí está, na sua coluna, a «Prece ao Pai Celestial», que foi o seu «canto do cisne», como que a anunciação

da viagem e da mudança que ia empreender.

Nem poderia haver melhor canto, que o cântico de uma prece, como essa, dirigida à Providência Divina, saindo de um coração que viveu para a verdade espiritual e elaborada na antevisão da hora solene da partida.

Transcrito de «O Clarim», de 21 de Junho de 1958.

Plenamente Provada a Reencarnação, afirma Célebre Autor Suéco

O Estranho Caso de Shanti Devi

Peter Forbes publicou no jornal «PEOPLE», (não espírita), o relato de novos fatos que fortalecem o que por muitos homens é considerado o caso de maior evidência de Reencarnação.

Êle escreve :

«Em Delhi, capital da Índia, reside uma menina que faz fantásticas afirmativas de já ter vivido nesta Terra, e que ela, de fato, reencarnou.

O renascimento de Shanti Devi foi investigado por três dos mais eminentes homens da Índia e suas descobertas abalaram o continente.

Os fatos assombrosos, quase incríveis, não podem ser negados.

A 4 de outubro de 1925, Ludgi Devi morreu ao dar à luz a um filho, no hospital da cidade de Mathura. Ela contava 23 anos de idade.

Em 11 de dezembro de 1926, nasceu Shanti Devi em Delhi, distante muitas milhas de Mathura... Nunca existiu qualquer relação entre as duas de igual sobrenome, ou suas famílias.

Mas, aos 4 anos de idade, Shanti inesperadamente começou a viver, como Ludgi o faria. Surpresa para os pais. Ludgi era a esposa de um brâmane, a maior casta dos hindus. Ela era mulher devota e seguia todos os preceitos de sua religião e casta.

Mesmo seu alimento era preparado

de acôrdo com o costume tradicional dos brâmanes.

Shanti nenhum antepassado tinha dessa casta. Mas, certo dia, quando sua mãe lhe trouxe sua refeição, ela disse que não a comeria, e pediu uma à moda de brâma. Era essa a sua vontade. Seus pais se surpreenderam, pois ela nunca provara tal alimento.

Shanti descreveu a seus pais as roupas que «costumava usar». Sua descrição concordava exatamente com as vestes tradicionais dos brâmanes. Contudo, ela nunca vira tais vestidos.

Shanti começou a falar no dialeto peculiar dos brâmanes, todavia, jamais ela ouvira êsse dialeto. Nenhum de seus parentes o falava.

Quando seus pais lhe perguntaram onde ela o aprendera, disse simplesmente: «Alí eu passei a minha vida anterior e êsse dialeto me vem naturalmente».

Em seguida, Shanti descreveu a casa em que morara. Ela deu o nome da cidade, Mathura, mencionou o nome da rua em que estava situada, e começou a chamar a si mesma pelo nome Ludgi.

Shanti falou de seu «marido». Seus pais pediram esclarecimentos sôbre êsse «marido», na outra vida. Em resposta, ela deu o nome dêle e seu enderêço.

Os pais pediram a dois amigos da família irem a Mathura. *Ambos foram e encontraram o marido de Ludgi Devi exatamente como ela o descrevera.*

Formaram uma comissão. Tudo era

como ela havia dito. O templo Dwarkadhish; a venda em que fazia suas compras, na «outra vida», o local em que se banhava no sagrado rio Jumna.

Os dois homens voltaram para relatar a existência do marido de Lugdi Devi, bem como de outros destacados cidadãos de Delhi. Tão grande foi a impressão que resolveram nomear uma comissão investigadora, para pesquisar a incrível história.

«Durante 25 anos», diz o jornal «People», três homens eminentes, inclusive um advogado, investigaram tôdas as particularidades no «renascimento».

Conhecimento exato. — «Quando Shanti contava nove anos, foram buscar para Delhi, Kedar Nath Shaubey—viúvo de Lugdi Devi.

Ele e seu filho de 10 anos foram levados à casa de Shanti, sem prévio aviso.

No momento em que Shanti os viu, ela desfaleceu e depois soluçou durante uma hora.

Quando Shanti voltou ao seu estado normal, Kedar Nath lhe fêz perguntas íntimas sobre sua vida com a esposa Lugdi — perguntas a que só a consorte poderia responder.

Por sua vêz foi o velho a chorar. Ele jurou que Shanti possuía a mesma alma que pertencera à sua falecida mulher.

Exatas foram tôdas as respostas dadas por Shanti. «Também chocante foi o modo por que a menina de nove anos aconchegou ao seu peito o «seu filho» que só contava mais um ano do que ela.

Uma testemunha ocular disse: «Nunca me esquecerei dessa cena. A menina procedeu como se fôsse sua verdadeira mãe. Era surpreendente ver o comportamento de uma menina como ela para um mais velho. Ela se agarrou a êle como se fôsse seu filho. Ela pediu coisas para o agradar e lhe deu suas bonecas e brinquedos. Ela realmente estava extasiada por vê-lo de novo...»

Shanti pediu permissão para «voltar» a Mathura, que nunca visitara. Em novembro de 1935, a comissão investigadora, com outras testemunhas, inclusive um fotógrafo, levaram Shanti de trem para Mathura.

Ao aproximar da cidade, a menina, com alegria, começou a mostrar as divisas de que se lembrava de sua vida passada.

Na estação, a comissão lhe pediu a

conduzisse à casa onde Shanti afirmava ter vivido, como Lugdi Devi.

Sem hesitar ela os levou, através de labirinto de ruas, indicando casas comerciais e residências que conheceria.

Em certo ponto, ela parou e reconheceu um velho brâmane de 75 anos, que afirmou fôra seu sôgro. Ela beijou-lhe os pés. De fato, o homem fôra sôgro de Lugdi Devi.

No interior da velha casa, Shanti a percorreu como se lá tivesse vivido. Aos presentes ela falou de uma fonte no quarto trazeiro — então para lá se dirigiu, levantou uma pedra, há muito esquecida por Kedar Nath.

Shanti disse: «Eu tirava água desta fonte para lavar a louça». Então Kedar se lembrou que sua primeira mulher realmente assim procedia.

Ela conduziu os investigadores ao quarto que fôra seu dormitório. Lá, disse ela, eu ocultei algum dinheiro, pouco antes de morrer. Ela foi diretamente a uma tábua solta, levantou-a. Mas Kedar Nath afirmou ter tirado o dinheiro depois da morte da mulher.

Ela mostrou aos presentes o lugar em que estivera sua cama, sua poltrona, os pontos exátos em que punha suas roupas — as quais descreveu.

Shanti levou a comissão à casa vizinha em que moraram seus «primeiros parentes». Lá, ela indicou imediatamente os parentes de Lugdi, entre os presentes.

Veredicto final

A reunião, diz o «People», foi extremamente emocionante. «Os presentes soluçavam ao verem a menina abraçar seus parentes».

Shanti voltou para Delhi. A comissão afirmou não encontrar outra alternativa a não ser aceitar o caso como reencarnação provada.

Foi lavrado um longo e instrutivo documento afirmativo de «REENCARNAÇÃO».

O primeiro investigador ocidental, surgiu em cena há poucos meses. Sture Lonnstrand. O renomado autor resolveu percorrer de novo todo o terreno palmilhado pela comissão investigadora. Ele reconduziu Shanti, agora com 31 anos, a Mathura. Ela o apresentou a seu «filho» e «marido».

Lonnstrand examinou a fonte e o

esconderijo de seu dinheiro. Ele inquiriu as testemunhas.

Lonnerstrand fôra a Delhi com o propósito de denunciar a história Shanti como uma fraude.

Mas foi esta a conclusão a que chegou :

E' êste o único caso de REENCARNAÇÃO completamente explicado e provado, jamais verificado.

Nota — O autor suéco Lonnerstrand, que foi a Delhi para denunciar o caso Shanti Devi voltou convertido, mas se enganou ao dizer: «E' este o único caso de

Reencarnação completamente explicado e provado, jamais verificado». Há muitos outros, e eu provei um dêles em meu livro «Êsse Milagre Egípcio.»

Como todos os recém-convertidos, Lonnerstrand está excitado pela sua descoberta».

Dr. F. H. Wood.

Maurice Barbanel em sua edição de 26-4-58, escreve :

Houve muitas referências a êste caso durante os últimos 25 anos, em «Two Worlds».

(De «Two Worlds»).

O QUE ÊLES DIZEM

De Jundiaí, próspera cidade paulista, enviaram-me a «Folha» de 10 de maio, com um artigo intitulado—*O que êles dizem sôbre a Reencarnação.* É um extrato de uma oração pronunciada na ZYE 6, por um «seminarista Salvatoriano».

O orador declara que «após 4 palestras em que considerou os males, as fraudes e a falsidade da nefasta doutrina do Espiritismo», finaliza tratando da reencarnação.

As quatro substanciosas orações anteriores perdemo-las, necessariamente, desde que só nos enviaram a última. Mas nesta, os lugares-comuns, as objurgatórias, o arrazoado, é tudo já tão gasto, tão estafado, e mais reunido aí o desconhecimento de quem é o Autor, que nos tiraria o desejo de qualquer resposta. Sucede que o jornal nos foi remetido por alguém, que também não enviou o nome. É tudo anônimo no caso. Mas êsse alguém deve estar ansioso por uma explicação, talvez por me ver metido numa encôspia.

Antes de entrar no assunto, deve-se dizer aos antagonistas de Jundiaí que «a nefasta doutrina espírita» deseja e faz tudo às claras, que não se usa a irresponsabilidade do anonimato; que ninguém anda pelos esconderijos e luras, fugindo à luz do sol; quem remete um jornal, quem faz uma oração, quem escreve um artigo dá o seu nome. Isto posto, vamos ao caso.

Acha o orador que a reencarnação é a base do Espiritismo e que êle ruindo nas suas bases, tel-o-emos no chão. E então se propõe a alui-lo.

Começa declarando que Allan Kardec detestava a palavra dogma, mas não titubêa em falar no dogma da reencarnação.

Valia a pena que antes de ver o que dizemos da reencarnação, visse o moço seminarista o que dizem os dicionários, e assim, além dos profundos conhecimentos de História que possui, como vamos ver, poderia acrescentar ao seu cabedal os da linguagem, o que não ficaria nada mal a um demolidor doutrinário.

Kardec não detestava nada, apenas não aceitava o dogma na acepção de doutrina indiscutível. O que êle repelia era o dogma eclesiástico. Dogma é também *princípio, ponto essencial.* O dogma reencarnacionista significa o *princípio fundamental* da reencarnação.

Quanto à História do salvatoriano, creio que não se pode salvar.

Ei-lo que nos diz :

«Como ensina o famigerado Allan Kardec, uma doutrina verdadeira deve ser o resultado unânime e geral de todos os espíritos. Generalidade e concordância no ensino, êsse o caráter essencial da doutrina espírita...»

Armado com êsse princípio, o orador da ZYE 6 ensina :

«Interessante é que o Espiritismo anglo-saxão também pretende ter recebido seu material doutrinário dos tais espíritos e negam fanaticamente a reencarnação. De modo que desta vez os «espíritos» não foram unânimes».

Aconselharia ao radialista que voltasse a ver o *que diz êle*, o Kardec, e recorresse de novo ao léxico. Allan Kardec não falou em unanimidade, mas em generalidade. Principia mal o incipiente teólogo, se já no verdor dos anos, «sem as manhas naturais de um padre-cura», como dizia o poeta, entra a falsear as citações.

A unanimidade é impossível, a não ser por disciplina militar ou fanatismo religioso, e fora da prova científica. No terreno mental só há unanimidade quando há imposição, coação ou servidão. Ande por aí, como Diógenes, de lanterna em punho, a ver quais as pessoas que pensam exatamente da mesma maneira, em todos os pontos. E quando eu digo *pensar*, não é repetir inconsciente e maquinalmente palavras de outrem.

Kardec falou em *generalidade*. Os nossos dicionários ensinam a diferença.

Não há tempo para explicar a distinção entre fato comum e doutrina elevada, só acessível aos Espíritos superiores. Esta não pode estar ao alcance do vulgo, delas não pode participar a unanimidade dos Espíritos; elas não podem ser compreendidas por todos. Há *fatos* de que todos podem ser testemunhas, mas nem tôdas as doutrinas podem ser igualmente assimiláveis. Todos os indivíduos faltosos se nos manifestam apresentando sinais de sofrimento. Salvo os casos raros em que, por vaidade, escondem suas máguas, a imensa maioria não a pode ocultar. Poder-se-ia aquí falar em unanimidade. Não contariam as exceções. É que são fatos quotidianos.

Mas a teoria reencarnacionista não pode ser apreendida rápida e universalmente. Os que nada sabem nada podem responder, ou respondem de acôrdo com suas idéias particulares. Se Frei Boaventura fôr para o Espaço, o que desejamos não seja tão cedo, virá com a fervorosa intransigência que tem manifestado aquí. Os inglêses que morreram com a idéia de que não voltariam, é essa que expendem em suas comunicações. Mas, se o seminarista quiser saber o que *dizem êles*, os que sabem, os que saíram fora da craveira comum, em vez de solicitar as luzes de Frei Boaventura, a quem repete, deveria ler as grandes obras, recorrer às mensagens inglesas escritas por Espíritos superiores, ler os ditados dos vultos que mereceram a confiança pelas comprovadas

verdades que nos trouxeram, e perceberia que a doutrina ensinada é a da reencarnação. É nas grandes obras e nas grandes comunicações em língua inglesa que lhes vamos conhecer a doutrina, e nunca nos ignorantes que se manifestam; assim como quem quiser saber o que é o Espiritismo irá aos escritores de nomeada e não aos panfletários.

É nos clássicos que se aprende a boa escrita e não nas obras de fancaria.

Saberia ainda o radialista, se fôsse ver o que elas dizem, as estatísticas, que nos países de língua inglesa, se tem visto um grande acréscimo de partidários da palingenesia, os quais sobrelevam, de muito, os teóricos do estacionamento ou da evolução em outros planos.

Vamos agora à minha ignorância e leiamos o nosso incipiente adversário:

«No livro — «A Reencarnação e suas provas» escreve um doutrinador espírita — Esta doutrina existiu de todos os tempos, em tôdas as regiões e em tôdas as seitas...

«Contra êste argumento bastará lembrar ao nosso «competente» mestre de História que não encontramos vestígio algum de reencarnação entre o povo persa. Também a religião primitiva da China desconhece esta doutrina. O mesmo vale para o Egito, a Índia, a Grécia, o Império Romano.

«No entanto o nosso Imbassahy, que demonstra ter só umas minguadas noções de História, diz de bôca cheia — Esta doutrina existiu de todos os tempos, em tôdas as regiões e em tôdas as seitas».

Digamos, antes do mais, que Mario Cavalcanti, compliciado comigo na cinca, dizia que, quando se fala em todos os tempos, não se quer dizer que a doutrina existisse ao mesmo tempo em todos os países, mas que, tanto quanto fôsse possível levar a sonda das indagações se verificaria a sua existência, isto é, que ela se manifesta em tôdas as épocas da História. E declarar se que todos os países dela participaram, não significa que isto acontecesse continuamente. Aliás, quando eu falava em regiões, referia-me a extensões de terrenos e não a países.

Como a idade me permite, queria agora dar um conselho ao futuro ministro divino. Quando se propuser estudar um assunto, não se torne um caudatário

de foliculários e sectaristas, para não ser apanhado pela gola em êrros flagrantes. Em vez de tomar lições de História nos opúsculos de um Frade, e antes de chamar ignorante a quem nunca o ofendeu em caso nenhum e em nenhuma oportunidade, procure folhear os autores competentes, sem aspás, busque os verdadeiros anais da humanidade e êsse é que deve ser o caminho de um seguidor do Cristo.

Se o ardoroso neófito fôsse ver o que dizem êles, os da História, talvez tomasse com o livro de Lessing — *Evolução da Raça Humana*, onde o historiador assegura que «a palingenesia é a hipótese mais antiga concebida pela humanidade».

Se lesse o Berthelot encontraria êste trecho: — «Já na antiga Pérsia existia a idéia de encarnação e reencarnação». Como vê o «nosso» seminarista é possível encontrar os vestígios que êle e o Frade não encontraram na pátria de Zaratrusta.

Se fôsse ver o que diz Heródoto, cidadão chamado o *Pai da História*, saberia que «para os Egípcios a alma deixa um corpo para entrar em outro». A pluralidade das existências encontra-se no *Livro dos Mortos*, obra antiquíssima, uma espécie de Bíblia egípcia.

Seria bom que o nosso amigo fôsse à mais velha obra da Índia, o *Código de Manou*, e também lá acharia o ensino das vidas sucessivas.

Agora, se o amigo folheasse antigos tratados chineses e andasse a ver o que lá está, encontraria o livro das *Recompensas e das Pênas*, do Dr. Taosse, traduzido por Juliano, onde entre outros castigos para a alma se encontra o de voltar à terra, por vêzes num animal.

O tempo e o espaço não comportariam mais que estas ligeiras notas, restritas aos países em que o Seminarista afirma que não houve idéia de reencarnação. Nem eu quis tornar fastiente êste trabalho com citas e transcrições prolongadas. Quem desejar, porém, um estudo completo sôbre o assunto, não terá mais que recorrer à obra de Mario Cavalcanti de Melo — *Como os Teólogos Refutam* — que acaba de sair do prelo, e onde êste illustre pesquisador e profundo conhecedor de Religiões, responde a Frei Boaventura Kloppenburg, em cujas páginas se foi abeberar o orador jundiaense. Lá as citações são longas e devidamente documentadas. Creio que apontando uma fonte onde serão reparados todos os enganos do jovem Salvatoriano, não preciso pôr mais na carta.

Aquí tem o que me cabe responder ao desconhecido remetente da fôlha de Jundiaí, a quem agradeço o obséquio, quaisquer que fôssem as intenções que o ditassem.

E até mais ver.

Carlos Imbassahy.

↓ Deus não Existe ? ↓

EM data de 5-12-57, em um dos matutinos da capital paulista, foi divulgado o seguinte telegrama, provindo da Alemanha: — «Berlim — Os sputniks provaram, uma vez mais, que Deus não existe — afirma hoje em um artigo sôbre sete colunas o Neues Deutschland, órgão do Partido Socialista Comunista Unificado (SED), da Alemanha Ocidental. Os satélites artificiais soviéticos — declara notadamente, nesse artigo, um certo sr. Guenter Heijden — possuem uma grande importância não sômente no domínio das ciências naturais e no plano político, mas igualmente no domínio filosófico e ideológico. Os sputniks mostram de maneira eloquente, às massas, que o espaço in-

terplanetário situado para além da nossa Terra não é submetido a um Deus, nem a qualquer fôrça sobrenatural. Ao contrário, o espaço interplanetário é regido por uma ordem interna e leis fundadas na sua materialidade, afirma o sr. Guenter Hayden».

Ora, pelo que se vê, o autor dessa pretensa novidade jamais leu qualquer tratado sôbre os fundamentos básicos do Espiritualismo atualizado há um século pela doutrina kardeciana, a qual mereceu o apôio de célebres sábios, como Flamarion, Richet, Crooks e tantos outros homens de sabedoria, conhecidos pela nossa literatura doutrinária.

Se aquêle autor negativista julga que para se provar a existência de Deus

seria necessário que houvesse derrogação das leis da natureza, queremos que êsses materialistas saibam que nós espiritualistas não pensamos em absoluto dessa forma. Pelo contrário, a perfeição das leis de causa e efeito é um dos nossos sólidos argumentos em favor da existência de Deus no Universo. Mas Deus em espírito, e não em matéria táctil conforme concepçõem os negativistas.

Declarações dessa natureza, da forma como vem fazendo êsses negadores, não passam de ingênuas encenações, com propósitos de confundir os mais simples de entendimento, das massas populares.

No entanto, nos debates no campo do puro cientificismo, nós espiritualistas nunca levamos desvantagens com os materialistas, e sempre lutamos com honestidade e clareza, sem recorrermos a artifícios confusos, como fazem nossos opositores, nas suas argumentações sistemáticas. Não será com simples palavras de negação, como essas sôbre os «sputniks», que se poderá ocultar a verdade. Para se negar Deus, ou seja, a existência da alma, êsses nossos opositores teriam que iniciar pela base, demonstrando, pelas leis firmadas na ciência, onde se acha na matéria o ponto de origem da nossa vida inteligente.

Se os conceitos da materialidade prevalecessem, como desejam seus defensores, a nossa ação inteligente teria que ter a sua causa originária no âmago do último reduto da matéria, o átomo. Mas para desaponto dos adeptos do Materialismo, os nossos pesquisadores atualmente já despedaçaram o átomo, e no sêio atômico nada encontraram que revelasse vestígios geradores de vida.

Proclamar que os fenômenos da vida inteligente origina-se na própria matéria, sem apontar, ali, onde se localiza essa maravilhosa fonte, é prova de desconhecimento do assunto, ou propagação de má fé, servindo-se arbitrariamente dos fenômenos naturais, como o caso das leis que regem os «sputniks».

Os materialistas devem saber tão bem como nós que os átomos são as menores partículas que se unem em combinações afins, para formar as moléculas componentes das células da estrutura física do nosso edificio humano. Se

decompormos o nosso corpo físico até chegarmos nêsses invisíveis elementos atômicos, êstes serão os átomos de Hidrogênio, Ferro, Cálcio, Fósforo e outros mais componentes da nossa matéria animal.

Mas no entanto, como já dissemos, se os nossos pensamentos se originassem no íntimo da matéria, êsse maravilhoso predicado, que nos faz amar, sentir, raciocinar..., teria que ter sua fonte primária no sêio do átomo. Mas ali, na restrição dos limites atômicos, onde reside o ponto de encontro entre a matéria e energia, nada apresenta que se revele como causa geradora de vida. E se no átomo individualizado nada há além da matéria inerte, será infantilidade acreditar-se que êles, quando combinados, possam fazer surgir outros predicados que não existem dentro dos seus limites quando isolados.

Aos que raciocinam, fácil será compreender que a soma da matéria não gera propriedades que ela não encerra em si, conforme prova a seguinte equação: matéria + matéria = matéria. Se os nossos opositores materialistas, que se julgam rigorosos, acham que o produto desta soma deverá ter como resultado predicados inteligentes (matéria + matéria = inteligência?), desafiamos êsses milagreiros que nos provem êsse incoerente conceito, com fatos, e não com jôgo de palavras. Queremos verdades com bases lógicas, e não com aparência de super-fície.

Êsse mesmo assunto já tivemos oportunidade de comentarmos na imprensa profana da cidade, onde residimos, e nunca surgiu opositor para responder nossos argumentos. E hoje, através das páginas livres desta Revista, o nosso desafio continua vigente, chamando os advogados da oposição, que se apresentem no campo da polêmica para provarem o que dizem, que teremos prazer em desenvolver e debater essa tarefa, sem obscuridade, mas em têrmos claros, em favor da razão.

V. O. Casella.

Caixa Postal 153 — Est. S. Paulo
Araraquara

O Desenvolvimento das Ciências confirma os Princípios Espíritas

Condições necessárias ao aparecimento do Espiritismo, segundo Kardec —
Opinião de Sir Oliver Lodge — Uma conclusão do II Congresso Brasileiro de Jornalistas e Escritores Espíritas

Para os que afirmam ser o Espiritismo uma simples reelaboração de velhas superstições, uma doutrina que se alimenta de resíduos do animismo e do fetichismo primitivos, a nossa época devia ser a mais inadequada ao seu desenvolvimento. Entretanto, o que os fatos nos mostram é exatamente o contrário. O Espiritismo se desenvolve cada vez mais com maior impulso em todo o mundo, e o que é mais espantoso, conquistando terreno nos meios intelectuais. Esse fato nos coloca ante a seguinte alternativa: ou o século da ciência não satisfaz aos homens, que procuram voltar às épocas anteriores, ou o Espiritismo não é de natureza supersticiosa, mas científica.

A quinta conclusão do II Congresso Brasileiro de Jornalistas e Escritores Espíritas responde precisamente a essas perguntas estando assim redigida: «O desenvolvimento das ciências, em nossa época, longe de contrariar, vem confirmando os princípios básicos do Espiritismo». Como se vê, uma breve assertiva, sem maiores comentários, que pode ser contestada facilmente por qualquer adversário da doutrina. Mas é evidente que, na sua natureza de «conclusão», essa pequena assertiva se fundamenta nas teses apresentadas e debatidas no congresso, nos pareceres formulados a respeito, e nas discussões que se travaram em plenário. Os que se iludirem pela aparência simplista da afirmação, poderão chocar-se com a solidez das bases em que ela se firma.

Kardec explica, em «A Genese», a natureza e o objetivo da doutrina, com estas palavras: «O Espiritismo, tendo por objetivo o estudo de um dos elementos constitutivos do Universo, toca forçosamente na maior parte das ciências. Só podia, portanto, aparecer depois da elaboração destas. Surgiu pela força mesma das coisas, pela impossibilidade de tudo se explicar somente com o auxílio das leis da matéria». Prosseguindo Kardec demonstra a necessidade de um clima científico para o advento do Espiritismo, a impossibili-

dade do seu desenvolvimento num clima de misticismo ou mentalidade supersticiosa. Por que? Porque o Espiritismo não se baseia na crença, na aceitação sentimental de princípios dogmáticos, mas no exame objetivo, na análise racional, na pesquisa científica dos fatos espirituais. Com êle, o problema espiritual foi arrancado do terreno das especulações místicas e levado ao campo raso da indagação e da pesquisa.

Noutra passagem de «A Genese», refutando as confusões entre magia e fetichismo com o Espiritismo, Kardec lembra que a Química é filha da Alquimia, como a Astronomia o é da Astrologia, não nos sendo entretanto possível fazer confusão entre essas coisas. E acrescenta: «a distância que separa o Espiritismo da magia e do fetichismo é maior do que a existente entre a Astronomia e a Astrologia, a Química e a Alquimia». Por outro lado, um grande cientista moderno, o físico inglês sir Oliver Lodge, compara o Espiritismo a «uma nova revolução copérnica», destinada a abrir ao mundo moderno novas perspectivas para a compreensão da vida.

Os jornalistas e escritores espíritas, reunidos no congresso que se realizou em abril último, nesta capital, reafirmam essa posição nitidamente científica da doutrina, e acrescentam que o desenvolvimento das ciências «vem confirmando os princípios básicos do Espiritismo». Para os que não sabem onde estaria essa confirmação, lembraremos os seguintes pontos: a desintegração atômica revela, segundo Einstein, que a estrutura do Universo não é material, mas energética, e segundo Compton, que por trás da energia há um terceiro elemento, que parece ser «o pensamento»; as experiências nos laboratórios atômicos vêm revelando a possibilidade do exercício da visão, a olho nu, através da matéria opaca, e ao mesmo tempo quebrando a noção de rigidez nas relações de causa e efeito, para as experiências científicas. Por outro lado, novas disciplinas científi-

cas, como a parapsicologia de Rhine e a ciência-psíquica de Price, aquêles na Universidade de Duke, Estados Unidos, e este na Universidade de Oxford, confirmam a autonomia do espírito em relação ao corpo, defendida pelos cientistas espíritas, como Bozzano, Aksakoff, Delanne, Zoelner, Crawford e outros.

O desenvolvimento das ciências está marchando claramente no sentido da «revolução copérnica» referida por sir Oliver Lodge. Esse desenvolvimento equivale

a uma superação crescente das limitações materialistas, criadas pela atitude objetivista a que os cientistas modernos foram compelidos, ante o desbordamento imaginativo das crenças religiosas e das chamadas escolas espiritualistas. O Espiritismo, que se apoia justamente no espírito de observação e pesquisa, nada tem a temer, mas, pelo contrário, só tem a ganhar, com o desenvolvimento das ciências.

Irmão Saulo.

➤ A EVOLUÇÃO DA CRENÇA ➤

O homem não tem liberdade de crer ou não crer à vontade. Há leis psicológicas que nos impedem de crer em umas coisas e nos levam a crer em outras.

O homem primitivo, como criança espiritual, aceitava sem reflexão tudo que lhe afirmavam; mas a pouco e pouco tornou-se mais lógico, passou a refletir sobre o que ouve e lê e a duvidar de muitas coisas que noutro tempo lhe pareciam verdades indiscutíveis. Hoje tem êle grande dificuldade de crer em afirmações que lhe não sejam demonstradas satisfatoriamente.

A aceitação da Bíblia tôda como palavra de Deus, indiscutível, já se tornou uma impossibilidade para grande parte da Humanidade. Muito prudentemente Allan Kardec não entrou em discussões bíblicas: limitou-se a tomar do velho livro sagrado de judeus e cristãos a parte moral apenas: o Decálogo e a moral dos ensinamentos de Jesus. Seria erro aceitar ou recusar tudo mais que se acha na Bíblia.

As Igrejas apegam-se literalmente aos textos das Escrituras e com êles negam em bloco todo o Espiritismo. Cometem um erro de tremendas consequências: deixam a Humanidade num vácuo apavorante.

Se os fenômenos espíritas, confirmados em escala mundial por médiuns que não se conhecem reciprocamente, atestados por pessoas sérias e escrupulosas, documentados sobejamente durante mais de um século, não são aceitos por uma grande parte da Humanidade, pela legião imensa dos materialistas e

ateus que lhes não prestam a devida atenção, muito menos seria possível levar essa massa imensa a crer nos fracos relatos do Velho Testamento.

Pela evolução natural do espírito humano, o que foi interessante em um milênio já não o é nos milênios seguintes. Não despertando interêsse à inteligência, o homem não estuda suficientemente um assunto, e não o aceita. É impossível dar à Bíblia hoje a fôrça que ela teve na Idade Média.

A mente humana torna-se em cada século mais exigente e desconfiada.

Dizer-se ao homem que Deus completou Sua revelação ao mundo em Apocalipse e depois de João nada mais teve ou terá que dizer ao mundo, nada mais a ensinar, é tão absurdo como supor que Deus morreu com o Evangelista João.

As Igrejas apegadas à Bíblia como Revelação completa e acabada exigem de nossa crença um impossível: que Deus abandonou a Humanidade ignorante, aflita, pecadora e nada mais fêz para nos ajudar.

A Bíblia é um grande monumento do passado, digna do respeito que nos inspiram os livros que vencem séculos e milênios, mas não encerra em si senão uma parte muito pequena da Revelação Divina.

A Revelação continua e continuará sempre, porque eternamente teremos necessidade de receber novas luzes para nos guiarem pelos caminhos longos do progresso espiritual eterno.

A Terceira Revelação é progressi-

va e só encontra barreiras em nossa curta compreensão; quanto mais aprendermos, maiores esclarecimentos receberemos.

Deus Se serve de muitos meios para Se revelar aos homens.

Pelas ciências naturais Ele mostra ao homem a Sua obra: a vida palpitante e sublime em todos os reinos da natureza. A Astronomia, a Biologia, a Botânica, a Zoologia, a Geologia são revelações de Deus através de Suas obras. O campo é infinito no estudo das ciências naturais e tôdas elas nos conduzem à adoração.

Houve tempo em que a Religião, ou, mais precisamente, a Igreja traçava limites à ciência: o cientista não podia ensinar coisa alguma que estivesse em

desacôrdo com os dogmas religiosos. Depois a ciência proclamou sua independência e ocorreu o divórcio entre Ciência e Religião. Pela evolução já vemos que as duas vão encontrar-se e fundir-se num todo maravilhoso.

O estudo dos fenômenos espíritas em bases de observação científica dos fatos vitais é um grande passo para êsse porvir maravilhoso em que as verdades religiosas serão as mesmas verdades científicas. Haverá a fusão de Ciência, Filosofia e Religião. O cientista será igualmente o profeta, o sacerdote, o moralista.

Certamente está longe êsse porvir, mas para êle devemos trabalhar desde já.

Ismael Gomes Braga.

O Papa e o Papado

Bianôr Medeiros

I. — TEXTOS :

1. — *Apocalipse, 19/10* : «E eu me prostrei a seus pés para adorá-lo. Mas êle me disse : não faças isto. Eu sou teu conservo e conservo dos teus irmãos que foram escolhidos para testemunhas de Jesus. Adora a Deus: porque o testemunho de Jesus é o Espírito de Profecia».

2. — *João, 6/45* : «Está escrito nos profetas : serão todos os homens ensinados por Deus. Por isto todo o que do Pai ouviu e aprendeu vem a mim». (Jesus).

3. — *Salmo, 49/7* : «Ouve, povo meu, e eu falarei». (Deus).

4. — *João, 16/12, 13* : «Ainda tenho muitas outras coisas para vos ensinar, mas não podeis entender tudo ainda. Mas quando vier o Espírito da Verdade, Ele vos ensinará tôda a verdade».

5. — *João, 10/16* : «Ainda tenho outras ovelhas que não são dêste aprisco; apraz-me agregá-las e elas ouvirão a minha voz e então haverá um só rebanho e um só Pastor».

6. — *Mateus, 6/24* : «Ao Senhor teu Deus adorarás e só a Ele servirás».

7. — *Atos, 4/19* : «Respondendo, po-

rém, Simão Pedro e João, lhes disseram : Julgai vós se é justo, diante de Deus, ouvir-vos a vós do que a Deus».

8. — *Mateus, 17/5* : «Enquanto falava uma nuvem luminosa os cobriu e da nuvem saiu uma voz que dizia : Este é meu filho muito amado; ouvi-o».

9. — *Atos, 2/37, 38* : «Que faremos nós, varões irmãos? Simão Pedro respondeu-lhes: fazei penitência e cada um de vós seja batizado em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo para remissão de vossos pecados e recebereis o dom do Espírito Santo».

10. — *Mateus, 4/17* : «Desde então começou Jesus a pregar : arrependei-vos dos vossos pecados que está próximo o reino dos Céus».

11. — *Lucas, 16/15* : «E Jesus lhes disse : vós outros sois os que vos dais por justificados diante dos homens, mas Deus conhece os vossos corações; por que o que é elevado aos olhos dos homens é abominação diante de Deus».

12. — *Cartas de Paulo aos Efésios, 6/9* :

«E vós outros, os senhores, fazei isto mesmo com êles, deixando as ameaças; sabendo que o Senhor, tanto dêles como

vosso, está nos Céus e que não há acepção de pessoas para Êle».

13. — *Marcos, 16/15, 16, 17*: «E disse-lhes Jesus: ide por todo o mundo e ensinai o Evangelho a tôdas as criaturas. O que crer e fôr batizado será salvo; o que não crer será condenado. E estes sinais seguirão aos que crerem: Expulsarão os demônios em meu nome; falarão novas línguas; dominarão as serpentes; se tomarem veneno, nenhum mal lhes fará; porão as mãos sôbre os enfêrmos e os curarão».

14. — *Mateus, 12/28*: «Se eu lanço fora os demônios pela virtude do Espírito de Deus, é que chegou a vós o reino de Deus».

15. — *Paulo aos Coríntios, 4/20*: «O reino do Senhor não consiste em palavras mas em virtudes».

16. — *Paulo aos Romanos, 14/17*: «O reino de Deus não é comida nem bebida, mas Justiça, paz e gozo no Espírito Santo».

17. — *Mateus, 7/21*: «Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor, entrará no reino dos Céus, mas só entrará no reino dos Céus o que fizer a vontade do meu Pai que está nos Céus».

II. — A humanidade está dividida em grupos sociais, em povos, em nações em virtude da diversidade de raças, de línguas, de instituições, de costumes e tendências, formando culturas e civilizações diferentes. Esta divisão em grupos se prolonga mesmo depois da morte do corpo, na vida de além túmulo, através das inúmeras colônias espirituais existentes e em formação, tôdas independentes entre si. Cada grupo tem os seus dirigentes, de acôrdo com o grau de aproveitamento individual e coletivo, embora haja intercâmbio cultural e ajuda recíproca entre elas. É isto que nos dá conta André Luiz em suas preciosas e inúmeras obras, recebidas pela mediunidade gloriosa de Francisco Cândido Xavier e publicadas pela Federação Espírita Brasileira. Jesus nos ensinou a mesma coisa, João, 14/2, afirmando que na «Casa de meu Pai há muitas moradas», significando a Casa Paterna todo o Universo, o espaço interplanetário. Mas, onde melhor se aquilata a divisão da Cristandade em grupos, em núcleos espiritualizantes, em centros de cultura espi-

ritual é no Apocalípse. Na Revelação de Patmos está focalizada a descentralização de poderes e não a centralização total só possível nas mãos Divinas. Na Terra sempre existiram ditadores que quiseram formar vastos impérios de pouca duração. O homem não tolera a escravidão intelectual, moral, política, militar e econômica. O progresso individual, de acôrdo com a própria natureza humana, repousa na liberdade de cátedra, de pensamento, de iniciativa, de ação. No Apocalípse, 1/20 está bem clara essa distinção: «Eis o mistério das sete estrêlas que tu viste em minha mão direita e dos sete candieiros de luz: as sete estrêlas são os sete discípulos dos sete nucleos espirituais e os sete candieiros são os sete primeiros centros de formação cristã localizados em terras estrangeiras». Nos capítulos 2.^o e 3.^o frisa bem a mensagem vinda do alto: «Escreve ao enviado do núcleo de Efeso» (2/1); «E ao mensageiro do núcleo cristão de Smirna escreve» (2/8); «Escreve ao mensageiro do centro cristão de Tiátira» (2/18); «Escreve também ao discípulo do núcleo de Sardes» (3/1); «Escreve ainda ao discípulo de Filadelfia» (3/7); «Escreve igualmente à testemunha do núcleo de Laodiceia» (3/14). O revelador não cita o nome de nenhum dêles, qualifica-os de meros discípulos seus, elogiando-os e censurando-os ao mesmo tempo, pelas suas virtudes e pelos seus defeitos. Jesus frisou bem em sua doutrina que vinha reunir tôdas as ovelhas em um só rebanho, para um só Pastor, João, 10/16. O Pastor é Êle e o rebanho é tôda a humanidade, dividida em núcleos afins, pois o progresso individual e coletivo é muito desigual, de acôrdo com o grau de aproveitamento de cada um. Se é pelo dedo que se conhece o gigante, é pelas obras que se conhece o cristão. Se é fácil estudar, conhecer e ensinar o Evangelho, a boa notícia da chegada à Terra do reino de Deus, vivê-lo, praticá-lo, exemplificá-lo é bem mais difícil.

III. — A finalidade dêste artigo, fundado na ideologia cristã, na Linguística, na História é demonstrar, através das maiores autoridades sôbre tais assuntos, tão ilustres quanto insuspeitas, que o Papa e o Papado são instituições meramente humanas, reminiscências do Paganismo e da Idolatria Romana, com as mesmas véstes e as mesmas prerrogativas do Sumo Pontífice, de saudosa memória. O Rei e o

Imperador Romano foram ditadores que enfeixavam em suas mãos o imperium político, militar, econômico e intelectual do mundo antigo e como Sumo Pontífice o imperium moral da humanidade. Roma não se cristianizou bastante para liderar a cristandade, razão pela qual desvirtuou o Cristianismo, introduzindo na sagrada doutrina não somente o culto exterior do paganismo agonizante e as cerimônias tradicionais do seu culto, como ainda a tradição perniciosa da nobreza e da cultura da elite intelectual de Roma. Foi eliminada a paz, foi eliminada a fraternidade cristã, entronizando-se a escravidão das consciências, a ditadura espiritual da humanidade, dividida em classes privilegiada e excomungada, santos e herejes, provocando o fanatismo, a revolta, o ódio, a perseguição, a vingança, a discórdia, a guerra e a carnificina entre os homens. Mudaram o nome do Cristianismo para Igreja Católica Apostólica Romana e trocaram a Revelação Espiritual pela autoridade do Concílio do Vaticano e pela do Papa, já transformado em anticristo. O Espírito da Verdade, o Espírito Santo, o Espírito Consolador, o Paracleto representados pelo Espiritismo encontraram os maiores obstáculos para completar a obra cristã junto do povo, por ter sido fechada a porta da mediunidade pela qual se realiza o intercâmbio cultural entre o Céu e a Terra, entre Deus e os homens. A confissão auricular, a instituição dos sacramentos, o culto das imagens, a mercantilização das instituições cristãs, desviaram o Cristianismo do seu curso natural. Foi instituída a casta sacerdotal, formando-se a personalidade católica romana que infelicitou o mundo ocidental, Europa e América, milhões de espíritos encarnados e desencarnados. Urge desromanizar e recristianizar a turba fanática e enraivecida, libertar consciências escravizadas e ignorantes, trevosas, doentes e infelizes pela evangelização pura e simples do povo. Essa é a obra de salvação nacional e internacional do Espiritismo que será realizada pela Revelação, pelo ensino, pela tribuna, pela imprensa e pelo rádio. Ensinar, curar, amparar, libertando consciências e iluminando o homem, o Cristianismo de Jesus se implantará na Terra para sempre. A sabedoria, a luz, a paz, o amor e o trabalho construtivo impulsionarão a humanidade para a frente e para o alto, para a cultura e para a civiliza-

ção espiritual do futuro triunfante. A verdade nos libertará.

IV. — O Papa e o Papado são obras do anticristo, do paganismo humano, da idolatria romana que luta para não perder o seu reinado na Terra, a escravidão das consciências, a escravidão mental, intelectual e moral da humanidade. Com efeito :

I. — O Dicionário Del Mundo Clássico, feito por especialistas espanhóis, sob a liderança e orientação do ilustre padre Ignacio Errandonea, S. I, Editorial Labor, 1954, tomo II, nos ensina :

«Pontifices. Diversas etimologias se han dado a esta palabra, con la que se designaba a los ministros superiores del culto entre los antiguos romanos. Plutarco la deriva de la mision de reparar los puentes sobre el Tiber, que les estaba encomendada, y Dionisio de Halicarnaso de que en tiempo de Numa Pompilio, que fué quien los constituyó, construyeron el primer puente, el Sublicco, ya que hasta entonces no existian en Roma; otros la hacen derivar de posse facere (poder sacrificar). A cargo de los pontifices corría todo lo concerniente al culto religioso, la observación de las leyes sagradas, el señalamiento de las fiestas y de los Idus en cada mes, admitir a las vestales, regular las ceremonias, ofrecer los sacrificios, consagrar los templos, fijar la autoridad de los oráculos contenidos en los libros sibilinos, redatar los anales del pueblo romano, reformar el calendario, responder todas las consultas religiosas y castigar los delitos contra la fe. Formaban una corporacion o colegio que se decía constituido por Numa Pompilio. En un principio no eran más que cuatro, elegidos entre el Patriciado; los plebeyos, aunque hubieran sido consulles y recibido los honores triunfales, no tuvieron acceso al Pontificado, hasta que Decio Mus lo consiguió el año 300 antes de Jesu Cristo. Por la ley Oguinia se amplió el numero de pontifices a ocho, y Sila los elevó a dieciseis, ocho patricios y otros tantos plebeyos, los llamados pontifices mayores, y los segundos, menores, aunque las funciones de todos ellos fueran iguales. En los actos publicos tenian precedencia sobre los demas magistrados, y presidian los

juegos del circo, el anfiteatro y el teatro. Sus personas se considera sagradas, y al dirigir-se al pueblo lo hacian con la formula hijos mios. *Vestian de blanco bordados de purpura*. Durante la Monarquia, el rey asumia las funciones de pontifice maximo; al principio de la epoca republicana el colegio elegia sus miembros y su chefe entre los patricios; después pasó esta facultad a los comicios por tribus, y el fin los plebeyos lograron el acceso al Pontificado como a las demás magistraturas; tanto es asi, que el año 500, Cornelio Cornucano fué elegido pontifice maximo. Aunque este cargo tenía las mayores atribuciones, habia determinadas cosas que non se podian hacer sin el consentimiento de sus colegas, y de sus decisiones se podia apelar ante el colegio. El gran pontifice no podia salir de Italia hasta que Craso lo consiguió y la ley lo permitió, ya posteriormente. La corporacion de los pontifices tenia entre sus obligaciones la de redactar determinados libros que se conservaban en el edificio de la Regia, en el Foro, que fué vivienda de Numa Pompilio y después del pontifice maximo».

V.—Vamos verificar apenas em dois exemplos, como os imperadores Romanos se faziam pontífices máximos. O grande Caio Julio Cesar, assassinado em 15 de Março do ano 44 antes de Cristo, segundo o eminente historiador romano Caio Suetonio Tranquilo, em *Vidas dos Doze Cesares*, tradução de Sady—Garibaldi, 3.^a ed., Atena Editora, à pág. 13, nos descreve o fato como segue:

«Renunciando à esperança de alcançar uma província, pleiteou o pontificado máximo, não sem haver espalhado antes dinheiro em profusão. Ao considerar sobre a soma enorme a que lhe montavam as dívidas, na manhã em que se dirigia aos comícios, conta-se, dissera à sua mãe que o beijava—«Só voltarei como pontífice máximo». Foi tal o triunfo conseguido sobre os seus dois adversários poderosíssimos (Isaurio e Catulo), bem superiores a êle, quer pela idade, quer pelas prerrogativas, que chegou a reunir em torno do seu nome maior número de votos do que os obtidos pelos seus dois competidores em conjunto».

Ao estudar a vida do Imperador Augusto, às fls. 87, descreve o eminente historiador romano:

«Revestido do Pontificado máximo depois da morte de Lépido (pois, êste jamais consentira lho fôsse arrebatado em vida), mandou, trazido de todas as partes, amontoar e queimar mais de dois mil volumes de predições em língua grega, e conservou somente os livros sibilinos, mas sujeitos também à escolha».

VI.—Emmanuel, *Roteiro*, 1952, pág. 73 nos ensina:

«Quase todos os santuários religiosos divididos entre si, na esfera dogmática, isolam se indêbitamente, disputando privilégios e primasias. E até mesmo nos círculos da atividade cristã, o espírito de exclusivismo tem dominado grupos de escól, desde os primeiros séculos de sua instituição. Em nome do Cristo, muitas vêzes a tirania política e o despotismo intelectual organizaram guerras, atearam fogueiras, incentivaram a perseguição e entronizaram a morte. Pretendendo representar o Mestre, que não possuía uma pedra para repousar a cabeça dolorida, o Imperador Focas estabeleceu o Papado, em 607, exalçando a vaidade romana».

VII.—O *Lelo Universal*, vol. III, letra ph (f), nos ensina:

«Focas, imperador grego, em 606. Elevado ao trono em virtude de uma sedição militar, mandou matar o Imperador Mauricio. Foi, por seu turno, destronado e condenado à morte por Heraclio, em 610».

VIII.—O eminente professor de português, Antenor Nascentes, do Rio de Janeiro, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, ed. 1932, nos ensina:

Papa—I (pontífice): Do grego *papas* pelo latim *pappa*. Era uma palavra infantil, de ternura, como *papai* e *mamãe*. Foi primeiro comum a todos os bispos, mas depois reservou-se ao de Roma (Morceau, *Racines Greques*, 244, Larousse). Ainda hoje se aplica a todos os padres da igreja grega. O primeiro pontífice que parece haver tomado o nome de papa foi São Siricio, em 385. Como alguns bispos também fizessem

uso dêsse título, Gregorio VII, no Concílio de Roma de 1076, reservou-o especialmente para os bispos de Roma: «Ut papae nomen unicum esset in universo christiano orbe, nec liceret alicui se ipsum vel alium eo nomine appellari».

IX. — Francisco Silveira Bueno, catedrático de Filologia na Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, católico, em Questões de Português, 1.^a série, Saraiva, 1957, nos ensina:

«Não é líquido que a denominação de papa, dada hoje ao Sumo Pontífice, mas que foi atribuída a todos os preladados até o século VI, provenha da Síria. O título dado nesta Igreja e na copta era o de abba e não se explica a passagem duma bilabial sonora e fraca (b) a outra forte e surda (p). O caminho é sempre ao contrário: esta se abranda e se sonoriza naquela. A língua da Igreja foi a grega até os tempos de Tertuliano e somente desta época para cá passou a introduzir-se a latina. A prova disto está em que tôdas as demais denominações: igreja, basílica, presbítero, batismo, crisma, etc. são gregas.

«Assim sendo, papa é desta mesma origem, onde era o título comum dado ao progenitor e depois a todos os velhos, passando a ser atribuído aos sacerdotes (padre — pai) e, depois do século VI se reservou ao bispo de Roma. Prende-se, portanto, ao grego pappas ou também papa de que se originou papa, conservado pela língua religiosa e babo (papus) pela língua vulgar. Existe ainda outra hipótese: tôdas as expressões do culto romano provieram do etrusco, povo que comunicou aos romanos o culto, a civilização daquele tempo. Pallotino, em sua «Etruscologia» ensina, então, que também papa é herança e-

trusca, tendo a significação de avô. Como os estudos de etrusco ainda estão muito obscuros baseando-nos no fato certo de que a língua da Igreja foi a grega, acho que a origem de papa é a que acima foi explicada e não da Síria».

X. — Ainda Silveira Bueno, na obra citada, pág. 351, nos ensina:

«O fato de rezarem os católicos: Padre Nosso e os evangélicos: Pai Nosso — explica-se historicamente. O latim patrem havia evoluído até a forma padre na época arcaica da língua, isto é, até o século XV. A religião católica, adotando a língua vulgar, não poderia ter tomado forma de tal palavra senão essa. Do século XV para cá, padre continuou a transformar-se foneticamente, dando-nos a forma que hoje temos: pai. Os protestantes aparecendo nessa época, adotaram a última transformação do vocábulo. Nada mais do que isto».

XI. — Como se verifica pelo estudo feito, a organização eclesiástica é puramente humana. Papa, cardeal, bispo, padre, qualquer um do povo são meros cristãos, sem privilégio algum, sem qualquer prerrogativa especial. Os católicos são simples cristãos como os protestantes, os espíritas, os grego-ortodoxos e os russo-ortodoxos. Respeitáveis são todos os homens da Terra e todos os habitantes dos Céus. A ideologia, a doutrina é que não é o Cristianismo puro ensinado por Jesus, porque está desvirtuado por tradições pagãs, pela doutrina e pela teoria dos homens. Assim, católicos, protestantes, grego-ortodoxos, russo-ortodoxos, espíritas são todos cristãos, sujeitos às mesmas leis, com os mesmos direitos e obrigações, com a mesma origem e o mesmo destino glorioso reservado para todos os filhos do Altíssimo.

Coleções da «Revista Internacional do Espiritismo»

Encadernada em costaneira de couro:

Do 2.º ano Cr.\$ 170,00	Do 20.º ano Cr.\$ 150,00	Do 27.º ano Cr.\$ 150,00
Do 4.º ano . . 170,00	Do 21.º ano . . 150,00	Do 28.º ano . 150,00
Do 5.º ano . . 170,00	Do 22.º ano . . 150,00	Do 29.º ano . 150,00
Do 6.º ano . . 170,00	Do 23.º ano . . 150,00	Do 30.º ano . 150,00
Do 7.º ano . . 170,00	Do 24.º ano . . 150,00	Do 31.º ano . 150,00
Do 18.º ano . . 170,00	Do 25.º ano . . 150,00	
Do 19.º ano . . 150,00	Do 26.º ano . . 150,00	

Preservando a Diretriz

Médiuns de Mesas e Terreiros?

Quando, 1905, Cairbar Schutel fundou o «O Clarim», definiu-lhe, no subtítulo, o lema de «órgão de propaganda espírita—científico, filosófico e noticioso» e, ao fundar, 20 anos mais tarde, em 1925, a «Revista Internacional do Espiritismo», inscreveu-lhe também a sublegenda de «revista mensal de estudos anímicos e espíritas»; duas definições, que se completaram, numa orientação segura, dentro do Espiritismo, tradicionalmente mantida pelas duas publicações.

Servindo assim à Doutrina, codificada por Allan Kardec, defendendo e propagando os seus postulados e o desenvolvimento destes, no desejo de contribuir para a construção de um mundo novo, moral e socialmente falando, nunca se afastaram os dois órgãos, do roteiro traçado pelo seu fundador e palmilhado por êle e pelos seus seguidores.

Mas, para preservar tão firme diretriz, quantas vezes, êsses vanguardeiros, não terão sofrido o desgosto de desagradar colaboradores propensos a infiltrar, na propaganda doutrinária, opiniões, alheias, dos que acham que o Espiritismo deve aceitar tudo como bom e certo, venha tudo de onde vier, principalmente se vier através de certas mensagens, ditas espíritas, com idéias orientalistas ou sincretismos religiosos, ou, ainda, pregações de outros credos, cheios de dogmas e absurdos. Difícil, na verdade, é separar o joio do trigo, que é preciso separar, custe o que custar, se não quisermos fazer do Espiritismo mais uma religião nevoenta, de símbolos e liturgias, confusionista, para ilaquear a boa fé da humanidade.

Entretanto, apesar da vigilância na preservação daquela diretriz espírita, não estaremos livres de ciladas que nos ponham à prova de fogo, sujeitos que estaremos sempre à tentativa dos que por ingenuidade ou malícia querem impôr seus particularismos.

Vejamos um exemplo. Ainda há pouco tempo, recebemos dois artigos para publicar. Um dêles, recusamos logo para evitar polêmicas improdutivas. Ao outro, demos publicidade, porque a sua

leitura nos pareceu razoável em seus conselhos aos médiuns; não querendo também desagradar inteiramente o novel colaborador. Infelizmente, só reparamos no título do trabalho quando o mesmo já estava impresso na «Revista» de abril e maio, deste ano, encabeçado por um pomposo «Médiuns de Mesas e Terreiros»! A infiltração, viera por êsse meio, isto é, por êsse título.

Foi um contra-senso, que cometemos, deixando passar tal publicação sob legenda tão maliciosamente sugestiva. Contra-senso de um órgão espírita, dando conselhos a médiuns de «mesas» e «terreiros», como se o Espiritismo adotasse formalismos ou rituais em suas práticas.

Não prescreve a Doutrina nenhum tabu, nem de «mesas sagradas», como exclamam alguns, pois os que se reúnem, em torno de qualquer mesa, o fazem por comodidade, não sendo isso obrigatório nem necessário ou recomendado como cerimonial. As reuniões espíritas podem ser feitas sem mesas e não obedecem a rituais. O Espiritismo não tem fórmulas, não tem ritualismos, nem altares, nem turibulos ou quaisquer sinais ou coisas que materializem as suas sessões, cuja finalidade não deve ser outra senão a pesquisa da verdade, o estudo e a edificação moral.

E se não recomendamos médiuns de «mesas», muito menos o faremos a médiuns de «terreiros», dos quais não adotamos a mística nem a prática.

Nossa fé e admiração é pelos medianeiros, gloriosos ou torturados, que se despem de todo o artificialismo e que são simplesmente médiuns, a serviço da verdade espiritual, na disciplina da renúncia, da modéstia e da sinceridade.

Esta, a diretriz que nos cumpre preservar, procurando não confundir a luminosa Doutrina dos Espíritos com concepções e solenidades de outras procedências, seguindo a orientação de Cairbar Schutel na imprensa espírita e inteiramente de acôrdo com as resoluções do recente II Congresso Brasileiro de Jor-

nalistas e Escritores Espíritas e que são as seguintes:

«CONCLUSÕES — A palavra Espiritismo designa uma doutrina perfeitamente estruturada nas obras da Codificação de Allan Kardec, tendo por base o «Livro dos Espíritos», cujos princípios fundamentais se desenvolvem nas subsequentes.

O desenvolvimento do Espiritismo, no plano do seu enriquecimento doutrinário, não representa, nem pode representar uma superação da Codificação de Allan Kardec, mas apenas um desenvolvimento cultural e espiritual dos princípios daquela codificação.

O Espiritismo constitui uma síntese do conhecimento, representando uma base ideológica para o nosso século, sobre a qual deverá desenvolver-se a civilização do futuro.

Qualquer confusão entre o Espiritismo e formas primitivas de manifestações mediúnicas, manifestações de sincretismo religioso, ou formulações doutrinárias pessoais ou de grupos, não passa de incompreensão da Doutrina Espírita, não podendo essas formas serem a ela incorporadas.

O desenvolvimento das ciências, em nossa época, longe de contrariar, vem confirmando os princípios básicos do Espiritismo.

Deve existir, por parte dos Espíritas, o maior respeito pelas manifestações religiosas ou concepções espirituais, como formas diversas do processo de evolução humana, mas sem qualquer confusão entre elas e o Espiritismo, cujos princípios devem ser resguardados como a mais alta conquista do homem no plano do conhecimento».

Italo Ferreira.

Memórias de um Espírita Baiano

LEOPOLDO MACHADO

(Coligidas por Leopoldina Machado B. de Barros)

34 — A sessão terminou. Foram-se todos. Só eu fiquei para dormir. Casa grande e ainda desarrumada. Estava com fome. Chovia muito e o bar mais perto ficava a dois quarteirões. Não tinha capa, nem guarda-chuva. Que fazer? Ir para a cama. Lembrei-me que já havia ouvido alguém falar que o sono alimenta, faz passar a fome. Dormi.

35 — Despertei, alta noite, com um formidável estrondo que me pareceu ter sido na sala de visitas. Lembrei-me imediatamente da ameaça terrível do espírito. Num ápice, sentei-me à cama e abri a lâmpada. Pensando em Deus, procurei a origem do acontecido. Era o papel do forro (tão em uso naqueles tempos), que, com a umidade, desprende-se inteiro, produzindo aquêlê barulho...

36 — O prof. Alberto Laranjeira, o secretário que fôra acidentado num desastre de trem, voltou do hospital curado, mas sem as pernas: perdeu uma inteira, que colocou postiga e a metade da outra. Usava muletas. Fôra o diretor téc-

nico do Colégio. Seria, agora, professor e secretário.

37 — Ficou, assim, comigo, a direção técnica do Colégio, por isso que disse: fui tudo no Colégio Nacional.

38 — Um dia, exatamente na véspera do aniversário de Caxias, eu manobrava com os alunos formados para a entrada em sala, quando o Almirante chega até mim, ordenando-me algo sobre a comemoração do dia seguinte. Deu-me a ordem e saiu.

39 — Estremeci quando se foi o Almirante: lembrei-me do sonho que tivera na véspera de minha viagem, quando estava firmemente resolvido a não me dedicar mais ao magistério...

40 — Vice-diretor do Nacional só *in-nomine*, pois era eu quem dirigia inteiramente o estabelecimento; dediquei-me a êle, durante todo o tempo em que nêle trabalhei, com dedicação inteira, que chegava até o sacrifício. Em sete anos, só tive três faltas por doença; embora trabalhasse, várias vezes, doente. Sem-

pre fiz mais, muito mais, daquilo para que fui contratado...

41 — Das reformas que, por minha conta, ajustei àquela verdadeira casa de educação, cito as de maior importância: modifiquei o sistema disciplinar, tornando-o mais severo; criei as *páginas-correctivas*, educativas; dei aos alunos noção maior de responsabilidade nos deveres, respeitando, com religiosidade, os seus direitos; procurei criar nêles o maior zêlo possível pela disciplina do educandário que era, repetia-lhes continuamente, o segundo lar de todos nós, professores e alunos; encontrei postos militares a divisas e galões e os conservei; criei o teatro escolar do Colégio; montei uma oficina gráfica; fundei a revista *Quinzenário*; fundei a *Liga Pró-Educação e Bondade*, associação cultural e filantrópica, como jamais encontrei em nenhum estabelecimento de ensino.

42 — De tudo que fiz, no Colégio, foi a *Liga* a realização que mais me fala à consciência e ao coração. Até hoje. Levei-a para Paraíba do Sul e trouxe-a para o meu Ginásio de Nova Iguassú. Aliás, a sucursal do Nacional, em Paraíba do Sul, e o Ginásio Leopoldo, de Nova Iguassú, herdaram tôda a organização que dei ao Nacional do Rio.

43 — Foi a *Liga*, repito, a realização de maior vulto para mim. Ela consertou muitos caracteres, abrandou muitos corações. Encontro, até hoje, entre meus ex-alunos, homens de grande responsabilidade (altas patentes militares, médicos, engenheiros, advogados, cientistas, etc...), que me dizem, quando tenho a felicidade de revê-los: «Nunca fumei, professor, por causa da *Liga*, por causa daquele juramento que fiz para entrar naquela invejável associação, quando seu aluno». E outros: «Desde que deixei de fumar, naquela ocasião, quando era seu aluno, no Colégio Nacional, ou no Colégio Leopoldo, por causa da *Liga*, nunca mais pus um cigarro na boca».

44 — Estas frases ditas por muitos homens de bem, são louros de vitória incomparável, que compensam decepções inúmeras que sofri na vida... São a melhor paga que o obscuro educador baiano, de obscuro rincão, poderia receber na sua existência acidentada e dura...

45 — Nunca discuti ordenado. Jamais pedi aumento. Sempre discuti ordenado e pedi aumento para os outros.

46 — Anos depois, tornei o estabelecimento unicamente masculino: o número de meninas era muito pequeno e os aborrecimentos com os namoricos eram muito grandes.

47 — Voltando ao meu início no Colégio Nacional, respondi ao Almirante quando me falou sôbre ordenado pela primeira vez, que me julgasse por meu trabalho, por minha produção. Não ganhava então o suficiente para minhas despesas com a família que ficara no meu saudosos estado natal...

48 — Satisfazendo, inteiramente, o Almirante que não me podia pagar mais do que o seu estabelecimento permitia, deixava-o preocupado com a minha situação financeira. Deu-me apresentações para outros colégios. Não tinham vaga. Fiz um concurso para a *Gazeta de Notícias*. Em um dos testes que fiz, respondia a uma pergunta sôbre o que mais me impressionara nos últimos dias: «Pagar-se seis contos mensais aos componentes da Câmara Federal unicamente para brigarem e discutirem em reunião», conforme eu presenciara em duas sessões que assisti. Passei no concurso mas não fui chamado.

49 — De espiritismo de ação, nada, embora declarada e convictamente espírita. Alcindo Terra, que eu conhecera na Federação, me guindara a diretor de ensino na *União Espírita Suburbana*, cuja presidência era do Inácio Bittencourt. Só fui a uma reunião, em um domingo à tarde, saindo, ainda, antes de terminada, para não voltar mais lá.

50 — Guardo recordações desagradáveis de várias reuniões a que assisti, logo que me estabeleci no Nacional.

51 — Na primeira reunião de estudos a que fui, em um centro do Meier, não fiquei até o fim. Marcada para sete e trinta, eram oito horas e o presidente não havia chegado. Saí. Nunca tive paciência para aturar impontualidades desta natureza...

52 — Voltando ao mesmo centro, dias depois, quando se elegia nova diretoria, voltei decepcionado, tamanhos foram os desentendimentos, discussões e confusões. Nunca mais voltei lá...

53 — Fui, certa noite, com o Almirante e o prof. Alfredo Paz, a uma reunião em Niteroi, presidida por um tal sr. Vital que se dizia espírita. Nunca, até então, vira reunião tão concorrida e

tantos médiuns desenvolvidos, trabalhando juntos. O presidente enrolava cigarros e os devorava, no mesmo passo em que doutrinava espíritos com demasiada severidade e aspereza. Os consulentes pagavam aos médiuns de sua preferência, um mil réis por consulta(!).

54 — Desanimado, resolvi me contentar, unicamente, com as reuniões íntimas do Almirante, que eram realizadas no próprio Colégio, às noites dos sábados. Jamais faltei a elas. Realizadas nas normas de Kardec. Gostava imensamente das mensagens recebidas pelo coronel Duque Estrada. Magistrais. Reduzi muitas a crônicas.

CAPÍTULO XXXI

1 — Meu irmão ia casar-se em Salvador. Minha mãe era figura secundária neste casamento. Ele não se lembrava mais de que devia a ela, unicamente a ela, o amparo que figurões lhe deram para conseguir o emprego que ocupava e que lhe permitia casar-se. Fôra ela, por intermédio de bons amigos (que sempre soubera ter, na vida), que falara aos figurões. E como andara para conseguí-lo, aquela abnegada!

2 — Minha mãe e minha irmã estavam desprevenidas de tudo; roupas, calçados, etc. Meu irmão, aliás, nem lhes

falara naquele casamento programado com certa pompa. Nem sabiam, sequer, o dia do enlace.

3 — Mamãe escreveu-me uma carta angustiada e agoniada. Queria vir para perto de mim. Necessidades não a amedrontavam porque estava, desde muito moça, habituada a elas, como eu tão bem sabia. Não queria sofrer a humilhação do desprezo do filho, contrastando sua pobreza com o luxo das núpcias.

4 — A par desta humilhação, estava o pavor de depender do meu irmão quando êste se casasse. Se antes era assim, fôra sempre o que fôra; o que não seria dela depois? — argumentava desesperada.

5 — Não, escrevi-lhe, ela viria, de qualquer modo, antes do casamento. Nem que me endividasse até os dentes, com o Almirante; já não era pouco o que vinha sofrendo, desde criança. E não moraria nunca com filho casado, prometi-lho. Nem comigo. Não me casaria enquanto lhe não pudesse dar seu cantinho, livre de agruras, ao lado de minha irmã.

6 — Deus permitiu que eu cumprisse o que prometi àquela heroína: veio antes do casamento, para o Rio, e só me casei quando a pude ter inteiramente independente de minha espôsa.

Como a Vida é influenciada pelas variações

atmosféricas e astrais

G. M. MINARDI — Da API.



ÃO subsiste nenhuma dúvida de que o homem esteja estritamente ligado à vida do Universo. Através desta explanação o caro leitor, por si, verá a estrita interdependência que intercorre

entre os seres, animados e inanimados, com o Universo. Faz-se mister, portanto, seguir as causas e efeitos com uma certa ordem cronológica.

Sabemos que o Universo é regido por um conjunto de leis cósmicas, portanto não podemos fazer referência a uma lei só, tomada isoladamente, mas à tota-

lidades das leis que exercem seu poder sobre as coisas manifestadas, mas êste conjunto de leis é por sua vêz regido por uma *Lei Única*. Nosso entendimento, porém, não nos permite ter uma percepção conjunta do Universo como uma Unidade, parecendo-nos haver inúmeras leis, e não uma só, realizando esta formidável sinfonia cósmica da qual somos parcela de importância acentuada.

O ser humano, ao mesmo tempo que sofre os impulsos da evolução do sistema em que se encontra, participa dessa evolução, dentro de seus limites, como ser ativo. Dentro do seu próprio campo

evolutivo é um propulsor do progresso e sua ação se reflete infinitamente nos outros campos evolutivos dos reinos inferiores e superiores; do mesmo modo, sobre ele recai a ação dos outros inumeráveis seres ativos e passivos que constituem o universo. — Devemos portanto procurar sempre o conhecimento das coisas relativas às leis e princípios em tôrno dos quais gira certa disciplina, e jamais nos preocuparemos com fatos isolados, que não nos conduzirão a nenhum saber. Um fato, um acontecimento, um exemplo, só terá seu valor ante o esforço do saber, desde que venha em auxílio da compreensão duma lei, e que venha a confirmar o princípio que está sendo enunciado.

Temos a eletricidade, como exemplo de comparação, a qual penetrando em um motor, como «energia elétrica», transforma-se em «energia mecânica», se dita energia elétrica passa para um fio delgado transforma-se em «energia calorífica» e «energia luminosa», se passar para um fio em espiral transforma-se em «energia magnética», se ainda passar para uma solução eletrolítica transforma-se em «energia química», e assim por diante. Todos êstes efeitos tão diferentes uns dos outros, têm uma única origem, «a eletricidade». Daí vemos a estreita correlação existente entre tôdas as coisas animadas e inanimadas no universo, em uma Lei Única.

No reino vegetal o ambiente fototérmico é portador de energia. Para aquela térmica — até um determinado limite de grau e de tempo — tem-se a prova que é animado do dinamismo do desenvolvimento. Calor e luz, também afins e em larga parte superpostos na escala das frequências eletromagnéticas tem funções diversas. O primeiro é o grande regulador do crescimento, assim como promove e estimula ativamente a proliferação celular, a segunda tem função predominantemente química.

No reino animal o veículo é tanto mais complexo quanto mais o ser progride em suas funções. Apesar disso, as naturezas orgânicas dos corpos físicos das diversas espécies, são tão diferentes umas das outras, como também com a mesma substância extraída da matéria bruta do reino mineral.

Os fenômenos de nascimento, crescimento e morte dos fatos físicos e psíquicos assemelham-se a todo o fenômeno cíclico da natureza, como por exemplo o

suposto movimento do sol, cujo desportar faz a natureza tôda vibrar de alegria e cuja luz e calor transportam a vida para tôda a Terra.

Para ter uma vaga idéia sobre os fenômenos percebidos, pelos nossos fracos cinco sentidos físicos, quer dizer de fora para dentro, chamaremos à atenção do nosso leitor sobre os movimentos ondulatorios das ondas sonoras. De fato o nosso ouvido está apto a traduzir em som todos os movimentos ondulatorios, cuja frequência varia entre 16 e 32.000 oscilações por segundo. Esta escala de vibrações traduz todos os sons possíveis de serem percebidos pelo ouvido normal do homem. Não esqueçamos que o som existe só em nossa consciência (nosso interior); no mundo exterior há só movimento vibratório de partículas de um dos quatro elementos físicos. É notório que vários animais percebem sons que êstes estão fora do alcance do ouvido humano.

Se olharmos o mundo animal (irracional) nós nos convenceremos de que em muitos casos os animais percebem, com muita antecedência, os mais importantes fenômenos da natureza, como por exemplo os terremotos, os furações, o eclipse solar, etc. Os pássaros das matas, antes que a lua cubra o sol, parecem enlouquecidos; os cachorros inquietam-se estranhamente com todos êstes fenômenos; em outras ocasiões os suínos e os bovinos agitam-se vivamente pressentindo antecipadamente os movimentos cismicos. Observando o nosso organismo durante o dia, constataremos que êle não anda no mesmo ritmo nas várias horas do dia. Por exemplo, a função respiratória e a cardíaca a frouxam a atividade durante a noite, a temperatura corpórea alcança os limites mais baixos às horas 2-3 da madrugada e o máximo nas 15 horas da tarde. Sabemos também que a temperatura, a humidade, a eletricidade atmosférica e a pressão barométrica variam nas diversas horas do dia, basta só esta constatação para revelar quão infinitas ligações tem o homem com o universo. Neste caso os médicos e os biólogos falam de «metereopatias», quer dizer de alterações físicas e psíquicas que parecem causadas pelos fenômenos atmosféricos em particular e universais em geral.

Sabemos a respeito dos efeitos das manchas solares, cujo ciclo repete-se cada 11 - 12 anos) por meio das observações dos médicos Faure e Sardou e do astrônomo

Vallot, os quais seguiram por 267 dias 237 doentes graves. Constatou-se que os 88 % dos casos de doenças crônicas pioraram com evidente aumento do índice da mortalidade. Com referência à influência da lua, o Dr. Alleudy observou que as hemoptises e as crises febris dos tuberculosos alcançaram o «maximum» durante o início da lua crescente até a lua cheia, decrescendo de intensidade, particularmente, durante a última fase minguante. Relembramos que muitos indivíduos nervosos dormem mal no período do plenilúnio, por isso os antigos definiram como «lunáticos» os neuropáticos que apresentavam modificações psíquicas em relação à atividade da lua. Não esqueçamos também as periodicidades das crises de epilepsia com recrudescência no período invernal. Existem doenças diurnas e doenças noturnas. Entre as primeiras ocupa um determinado lugar de privilégio aquela forma de emicrania a qual começa pela manhã e acaba ao deitar do sol; ao contrário, algumas formas nevrálgicas parece que alcançam o seu «maximum» nas horas da noite. Temos também as crises de sufocação na infecção diftérica, as quais se intensificam com o agravar-se das condições atmosféricas; e também as típicas convulsões das crianças lintáticas (espasmofilia). Os gordos suportam muito mais os fenômenos meteorológicos, sendo que a gordura os protege, como isolante, mas os magros com falta de cálcio e de vitaminas, são mais sensíveis. Entre nós, por exemplo, um particular vento do Norte provoca, em muita gente, dores abdominais.

A grande Lei Única que preside às rotações astronômicas, a gravitação, a luz, a eletricidade, o magnetismo, o som, etc. no seu modo de ser e agir, exatamente

definida e constante, entrelaça-se à nossa vida, a qual nela se sustenta; força essa que proporciona as radiações solares às necessidades do planeta, guia as correntes aéreas, regula a síntese e a permuta das substâncias proteicas, e nos organismos, a assimilação, o crescimento, a respiração, a circulação, a reprodução, os nascimentos, as mortes e todos os fenômenos sociais.

Os mais complexos fenômenos realizam-se harmonicamente perfeitos, indiferentes ao nosso conhecimento que deles temos ou à nossa vontade, até mesmo os que regulam nossa própria vida. Se ao nosso esforço nada mais é deixado que o trabalho do nosso progresso, as forças que nos guiam bem conhecem, por si mesmas, e melhor do que nós, o caminho a seguir. Infelizmente nós ainda procuramos, como sempre foi, a vida nos seus efeitos, e não em suas causas; nas formas e não no seu princípio.

O processo vital é, portanto, o resultado evidente do contínuo «movimento de renovação»: imissão e expulsão, de associação e de desassociação, de anabolismo e de catabolismo que conduz à regeneração contínua da célula; em poucas palavras, uma verdadeira sinfonia de harmonias e de equilíbrios perfeitos. A interdependência dos reinos animal-vegetal, no seu equilíbrio, como já temos falado em outro artigo nosso, com o universo em geral e o nosso sistema solar em particular, pode ser revelada do fato de que as plantas apropriam-se da energia solar e dela se alimentam para os fins da vida. O sol desagrega os seus materiais, as radiações alcançam a Terra, e a vida cresce sem cessar. Tudo desce, por espontânea dedicação, do centro do sistema da grande Lei Única.

Cesar Lombroso, Espírita

O grande criminalista italiano atirou-se ao Espiritismo para combatê-lo, que ninguém, nenhum materialista foi mais hostil à crença na imortalidade da alma.

Apareceu-lhe o espírito da própria mãe. E, de tal maneira lhe falou e tais provas lhe deu da imortalidade da alma e tais coisas lhe disse, que o grande Lombroso se converteu ao Espiritismo, pregando-o e disseminando-o com destemor e sinceridade dignos de relevo.

Seu grande livro, «Hipnotismo e Espiritismo», é prova de seus estudos e de suas convicções.

TROFOLOGIA -- A Ciência da Alimentação

Lema: — «Que o teu alimento seja o teu medicamento e que o teu medicamento seja o teu alimento».—*Hipócrates, 460 A. C.*

Tem a denominação de Naturismo o conjunto de conhecimentos científicos e práticos baseados nas leis que a Natureza estabeleceu para garantir ao homem a sua alimentação e os recursos precisos para uma vida feliz e sã.

Se o homem sofre e adocece, é porque ainda ignora as leis de conservação da vida. Aliás, observa-se que a humanidade, em seu grau atual evolutivo, está seguindo uma forma de vida por demais artificial, contrariando constantemente os preceitos para que goze de boa saúde; por isso mesmo, as consequências são sempre graves.

A máxima de Juvenal: «Mens sana in corpore sano», isto é, alma sã em corpo sã, é para o naturalista a regra áurea! Todos podem viver alegres, felizes e plenos de saúde, desde que observem em suas vidas o Naturismo Integral, que é um dos ramos da Trofologia que pesquisa, analisa e aponta ao homem os produtos naturais, alimentícios, que êle deve ingerir, a maneira e o regime de sua alimentação, a seleção dos alimentos e, o que é mais importante, a sua compatibilização, isto é, o conhecimento dos alimentos que, combinados e ingeridos, melhor se harmonizem com o corpo físico, esta máquina divina que deve merecer os nossos melhores cuidados.

Mais adiante apresentaremos, em rápida síntese, os quadros indicativos de uma boa combinação de alimentos e os de más combinações de alimentos.

O naturalista não ingere carne de espécie alguma, nem tampouco banha, por diversas razões; não faz uso do fumo nem do álcool; por isso mesmo não é cliente de tabacarias, de bares, nem tampouco frequenta consultórios de Medicina Oficial, visto que a Trofologia dá a cada um os exátos meios para viver com boa saúde, pois se baseia no antiquíssimo preceito de Hipócrates, que reza: «Nosso alimento deve constituir, de modo simultâneo, o nosso medicamento».

Para início de nosso tema, julgamos útil recorrer a classificação das fru-

tas. Elas, quanto ao seu sabor e composição, podem ser classificadas em:

Frutas Doces. — Uvas, caqui, figos, peras, cana, melancias, ameixas, passas e tâmaras.

Frutas Ácidas. — Limão, abacaxi, cerejas, morangos, tamarindo, mamão, groselha, limas, laranjas, cajú, pêssegos e ameixas.

Frutas Sub-Ácidas. — Mangas, maçãs, peras, laranjas doces, framboesas, nisperos, melões, cerejas doces, ameixas, uvas, fruta do conde.

Frutas Amidonáceas. — Fruta-Pão, castanhas, bananas e maçãs.

Frutas Oleoginosas. — Amêndoas, avelãs, abacates, azeitonas, côco, castanha do Pará, nozes, castanhas de cajú, amendoim e pinhão.

Vejamos agora a parte principal, que nos interessa, versando sobre uma boa ou má combinação de alimentos. Se seguirmos as regras seguintes asseguraremos ao nosso corpo físico um funcionamento harmonioso e equilibrado, o que significa saúde; as digestões serão normais, sem distúrbios de intestinos ou estômago.

BOA COMBINAÇÃO DE ALIMENTOS

Pão de Trigo. — Combina com frutas doces, frescas ou secas, verduras, hortaliças, frutas oleoginosas, leite, queijo, manteiga, nata, creme de leite e ovos.

Legumes Secos. — Combinam com os alimentos acima mencionados; não combinam com o pão de trigo, nem com os demais legumes secos.

Batata Inglesa. — Combina com o subordinado ao pão de trigo, porém não combina diretamente com esse pão, nem com batata doce.

Batata Doce. — Combina com os subordinados ao título «Pão de Trigo»; não combina porém com êste e com a batata inglesa.

Frutas Oleoginosas — Combinam com cereais, hortaliças, legumes secos, frutas ácidas, maçãs, ovos, verduras, batatas e azeite. Combinam, outrossim, com corpos gordos, isto é, com os alimentos feitos com gordura, azeite, manteiga e gergelim.

Frutas Doces, Frescas e Secas. — Combinam com cereais, batatas, legumes secos, maçãs e frutas não ácidas.

Castanhas. — As conhecidas pelo nome de «portuguêsas» combinam com frutas que tem suco doce:— frutas doces, frescas e secas, mel, creme de leite, nata e queijo fresco.

Bananas. — Combinam com frutas doces e sub-ácidas, mel, nata e creme de leite.

Leite. — Combina com pão, batatas, legumes secos, trigo em grão, gemas de ovos, café de cevada e bananas.

Nata ou Creme de Leite. — Combina com tudo que se subordina ao título «Leite» e mais: frutas doces e frescas, saladas, cozidos; porém com saladas deverá ser tomado no fim da refeição. Combina com maçãs doces.

Queijo Fresco. — Combina com tudo que foi descrito para «Nata». Não combina com bananas.

Manteiga. — Combina com todos alimentos mencionados no título «Leite» e mais: hortaliças, verduras, legumes secos e frutas oleoginosas.

Gema de Ovos. — Combina com leite, nata, creme de leite, verduras, hortaliças, café de cevada e frutas em geral.

Verduras e Hortaliças. — Combinam com cereais, batata, nata, creme de leite, legumes secos e ovos.

Limão. — Combina com hortaliças, gemas de ovos, azeitonas, azeite, frutas oleoginosas, porém não combina com tomates.

MÁ COMBINAÇÃO DE ALIMENTOS

Pão de Trigo. — Não combina com cereais, batatas, legumes secos, castanhas, maçãs, frutas ácidas e bananas.

Legumes Secos. — Não combinam com cereais, batatas, castanhas, bananas, maçãs, frutas ácidas e batata inglesa.

Frutas Oleoginosas. — Não combinam, com frutas doces, frescas, secas, nem com mel.

Frutas Secas. — Não combinam com frutas oleoginosas, azeite, leite, queijo, manteiga, corpos gordurosos, verduras, hortaliças e frutas ácidas.

Mel. — Não combina com os alimentos proibidos no título «Frutas Secas».

Frutas Doces. — Não combinam igualmente com os alimentos mencionados sob o título «Frutas Secas»; no entanto, podem ser usados com queijo fresco.

Leite. — Não combina com verduras, hortaliças, mel, açúcar, azeite, corpos gordurosos, gergelim; no entanto, combina com frutas doces e frescas.

Queijo Fresco. — Não combina com verduras, hortaliças, mel, açúcar, azeite, corpos gordurosos, gergelim; no entanto, combina com frutas doces e frescas.

Limão. — Não combina com batatas, pão, cereais, castanhas, bananas, leite, frutas doces e frescas ou secas, tomates, queijo, açúcar, manteiga, nata, caldo de cana.

Clara de Ovos. — Não combina com leite e frutas doces em geral.

Água. — Não combina com frutas secas, alimentos gordurosos, e saladas cruas.

Carnes e Peixes. — Não combinam com toda classe de frutas, verduras e hortaliças. São contra indicadas para manter uma boa saúde, porque a destróem, e seu uso é incompatível para com os homens que se julgam cultos e civilizados.

Tomás Peppe — Trofólogo.

Do Verme ao Astro

Disse à mulher : «Perdoados são os teus pecados». — *S. Luc. 7-48.*

Para sempre hão de ficar no mundo as lições do Mestre nosso, contra os grandes da terra. Mas que digo eu? Melhor diria dizendo grandes de terra, pois, que de terra são formados, e mais não são que estátuas como a em que se transformou a mulher de Ló, em atitude de quem só vê a Sodoma e a Gomorra do mundo.

Simão, o rico, o poderoso, era, no tempo de Jesus, pretensioso e atrevido, como o são todos os ricos e todos os poderosos, de todos os tempos e de todos os lugares. Porque são ricos de dinheiro e de poder, pensam que o são também de tudo, e por isso, pretensiosos; e como os bajula, a grande maioria, pensam que são o que se lhes diz que são, e ficam atrevidos.

Assim é que Simão, ouvindo falar de um certo Jesus de Nazaré, carpinteiro, ignorante e visionário, informou a seus amigos do projeto de o convidar para um banquete, onde muito iriam rir a custa dêle.

Dêste modo foi Jesus recebido por Simão, que desdenhoso o põe à mesa, e todos os convivas, volvendo a Cristo os olhos, aguardam o momento de se rirem.

Aquêles homens, pensavam, era incommum; como é que seu semblanté triste, magno e profundo, podia infundir tanto respeito? Onde os premeditados desacatos? Que coisa é, que se lê naqueles olhos, indefinível e imensa, algo como o próprio oceano que, com ser oceano, tem em si tôdas as estrêlas refletidas? Aquêles olhos traem a segurança de um sábio, a quem já não há mais o que saber, porque há sabido tudo; traem a firmeza e resolução de uma vontade de ferro, mais que ferro, de diamante que brilha e fulgura, quando mesmo corta o próprio aço reluzente das espadas mais duras. Aquela cabeça alta trai, na protuberância frontal, o amontoado de conquistas superiores que fazem do homem o artista, o gênio, o herói. Na bôca bem talhada há o indefinível, porque se não define o infinito; é bondade nas ondulações graciosas dos lábios, nem muito arqueados para cima, para não ser o riso dos fúteis, e nem recurvos pa-

ra baixo, para não ser como o dos que choram a lágrima sêca e amarga da revolta e da desesperação. Aquêles lábios se unem num movimento de amor e não de ódio; e quando se abrem, é para nascerem as palavras de luz, filhas do amor, e filhas do perdão.

Jesus que penetrava fundo, via claro as razões por que fôra convidado, mas, esperava que o céu viesse em seu auxílio.

O céu, de fato, tinha preparado tudo, e a tanta humilhação respondeu com sua lei de abater poderosos e levantar humildes. Dois extremos de fôrças contrárias iriam chocar-se, para que dos atritos e das faiscações surgisse a luz bendita do ensinamento.

Rompendo a multidão curiosa que cercava a casa de Simão, avança um vulto de mulher, heróico e sobranceiro, empunhando um vaso de alabastro; pondo-se a mulher de joelhos, junto ao Mestre, rompe de um só golpe o sêlo que fechava o frasco, e lava-lhe os pés com perfume precioso, e com suas lágrimas mais preciosas ainda. Fazendo de toalha seus cabelos enxuga os pés do Nazareno, enquanto os beija com transportes de ternura e gratidão.

Mas o rico estúpido, não entendendo nada da lição, conclui de outra forma para desautorizar Jesus: se fôsse profeta êste homem, pensou, saberia ser pecadora quem lhe toca e lava os pés.

Contou-lhe, Jesus, a isto, a história dos dois sêrvos devedores, um de quinhentos e outro de cinquenta dinheiros, a seu senhor; êste perdoadando a ambos, de quem, pergunta, deveria esperar maior reconhecimento? Simão respondeu ser daquele a quem mais se perdoou. Julgaste bem, prossegue o Mestre. E aquí está; enquanto tu me não dêste água para os pés, esta mulher os regou com suas lágrimas; não me dêste o ósculo, e ela não cessa de me oscular os pés; não me ungieste com óleo, e ela o faz com perfume; eis porque lhe digo que perdoados lhe são os seus pecados.

Rico estúpido, tu procedes como se não fôras imortal! Vem-te o Mestre à casa e o desprezas? Não vêes tu que um dia os

vermes te expelirão do corpo? E teus bens, para quem ficam?

Ó Cristo, Senhor nosso, nivelador de extremos! Levantais a mulher, perdoadolhe os pecados, e abateis a Simão, pregando-lhe a lição! Lavais os pés a Judas, o traidor, e negais a Verdade a Pilatos, o covarde! Levantais o paralítico de Siloé, e chamais a Herodes de raposo! Bradais contra os fariseus hipócritas, e contra a geração que chamais de adúltera e perversa! Elevais o verme a astro, e derribais o poderoso do altar! Transfigurastes-vos, por

fim, no Tabor, e finalmente morrestes no Calvário! Ó Senhor, quão grande sois! Infundí-nos, essa coragem sobrehumana de vivermos perigosamente como vós vivestes! Que os grandes da terra, sejam para nós o que são: vermes-da-terra e cheios de pó e vento! Ó Senhor, dai-nos fôrças para pormos em prática as lições vossas, visto como é melhor consumir-se o homem como um bólido, a ter a vida de um suíno.

Luiz Caramaschi.

Crônica Estrangeira

Um Clérigo reza por espíritos farsantes e cessam as manifestações

«Esp. Moderne» de «Psychic News»

Existem espíritos gracejadores. Eu conheci «Polty», como eu o chamava, durante cinco a seis anos. Ele não gemia, nem fazia barulho, mas era uma espécie de malfetor, mesmo ladrão!

Durante longo tempo desconfiei que um visitante invisível vinha à minha casa... porquê se produziam tôda sorte de coisas estranhas. Eu possuía um grande relógio colocado sôbre o fogão. Ele funcionava muito bem. Ao lado dêle está um pequeno despertador. Certo dia, ao sair, observei a hora nos dois relógios. Ambos marcavam 14 hs. 30. Duas horas depois voltei e os dois relógios marcavam 19 horas... ambos funcionavam normalmente...

Eu tenho um quadro-negro de grandes dimensões. É objeto difícil de deslocar ou perder, e menos ainda fazer desaparecer. Eu o usara de manhã e depois do meio dia êle havia desaparecido. Procurei-o por tôda parte. Aborrecido afastei o sofá de madeira para longe da parede, supondo encontrar o quadro-negro por trás. Lá êle não estava e eu empurrei o sofá para o seu lugar. Continuei a procurar, mas sem resultado.

Saí da sala por curto instante. Quando voltei, o quadro procurado estava encostado à frente do sofá!

Em outro dia, eu dactilografei um pequeno artigo e coloquei-o sôbre a mesa com a cópia a carbono. Alguém bateu à porta e fui abrir. Quando voltei, dois minutos depois, haviam desaparecido os papéis. Preocupado, fui procurar um clérigo, homem sensível e cultivado. relatei-lhe os fenômenos que eu testemunhara. Ele sorriu docemente e disse: «Não sei o que eu possa fazer».

— Vós podeis exorcizar, respondi eu!

— Não sei como agir e contudo estou convencido de que se deve praticar o exorcismo.

Eu lhe disse que não podia suportar essas coisas por mais tempo. De mais, não me é possível continuar a escrever artigos sujeitos a desaparecerem. Por um momento êle guardou silêncio, depois disse: «E se nós dois fizermos orações por essas coisas... ou êsse farçante».

— Eu penso que a melhor coisa a fazer é aceitar a presença dêle. Digo que concordo com a sua presença, mas acho desagradável o desaparecimento de meus papéis e objetos diversos.

Alguns dias depois estava eu ocupado a escrever exercícios, um caderno era vermelho, o outro azul. Deixei-os por um momento sôbre um armário, enquanto eu punha a chaleira sôbre o fogo. Quando voltei, os dois livros haviam desaparecido e nunca mais os encontrei.

O clérigo a quem narrei o fato, sorriu e me disse: «Admito que isso é desagradável, mas acho que deve admitir êsse diabrete em sua casa». Vi que êle sabia mais do que sucedia em minha casa. «Êle pode ficar no meu lar, se o

deseja, mas deve acabar com os maus gracejos», respondi eu.

— Bem, disse êle lentamente. Vou lhe sugerir duas coisas: o senhor vai orar por êle e eu farei o mesmo, está de acôrdo?

Sim, respondi, sabeis melhor do que eu o que é preciso fazer.

Voltei à minha casa, um tanto confundido, perguntando-me se o seu plano daria ou não resultado.

O plano deu resultado, para minha grande satisfação, e nada mais se produziu depois dêsse momento.

E. Perks.



Parece Mentira!

De «*Estudos Psíquicos*»

Um amigo enviou-nos o seguinte recorte de uma revista:

«Daniel Home foi um grande prestidigitador do fim do século passado. Uma testemunha visual dos feitos espantosos dêsse grande prestidigitador atesta que, na sua presença, na côrte da Bélgica, Home susteve-se no ar, sentado numa cadeira, ante os olhos extasiados dos espectadores».

Ê seu autor um jornalista que no Diário Popular redige uma página infantil com muita proficiência. Temos apre-

ciado os seus contos e as suas pilhérias.

Como divulgador, porém, foi infeliz o ilustre confrade. Chamar prestidigitador a Daniel Home é chamar funâmbulo a Lindberg ou jornaleiro a Clemenceau. A não ser que o articulista confunda prestidigitação com levitação. E também é possível que não tenha confundido, sabe-se lá! O Marquês de Pomal dizia que há gente para tudo, até para andar no mar e, dizemos nós, para ensinar às crianças patranhas desta espécie. Parece mentira, mas é verdade! O recorte está em nossa frente, com um boneco do autor e tem data recuada (janeiro de 1956). Já lhe fizemos oportuna referência e se volvemos ao assunto é pela consideração que nos merece o amigo que no-lo enviou. Mas não vale a pena gastar mais cêra. Anda tão adulterada a vida dos grandes homens, que a juventude ignora quem são as figuras de bronze e os figurões de gesso.

Daniel Dunglas Home foi um médium extraordinário e a sua biografia é mais notável que a de muitos bonifrates alçados ao Panteão da história e que durante séculos permaneceram incógnitos, a bem do que nada fizeram. Agora, do Além, hão-de rir-se da miopia contemporânea, se é que a vêem e sentem.

Que Deus os favoreça em conhecimento e bom senso e que noutra vida compensem as sandices que fizeram neste.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Escola Municipal «Gracinda Batista»

Entre os festejos da 4.^a Semana Espírita do Paraná, realizada de 23 de março a 2 de abril, e que se estenderam a várias cidades do Norte do Estado, os espíritas de Rolândia inauguraram, nessa cidade, a Escola Municipal «Gracinda Batista», homenagem especialmente simpática a nós de São Paulo, por ter sido aqui

que Gracinda Batista deu provas exuberantes da sua fé e da sua bondade, deixando um traço luminoso de sua vida terrena.

Ela foi espôsa do nosso prezado confrade Onofre Batista, de Itapira, onde o casal fundou, há muitos anos, o Sanatório «Américo Bairral», hoje uma das instituições maiores do gênero.

Falando de Gracinda Batista, não se pode esquecer uma das ações marcantes de sua existência, e que foi

aquela de abrir as portas de seu lar modesto, sendo ela mãe de numerosa prole, a crianças desamparadas que ali encontraram amparo e carinho.

A inauguração da Escola, com seu nome, em Rolândia, junto ao Lar Infantil «André Luiz», deu-se em 30 de março, com a presença do povo e das autoridades locais.

O confrade Onofre Batista, não podendo comparecer, por doença, teve a represen-

tá-lo, no ato, seu chará Onofre Fernandes, que lhe escreveu a seguinte carta:

«Atendendo ao seu honroso convite, foi com grande emoção que, dia 30 de março p. passado, em seu nome, dirigi a palavra ao grande público que se compunha de povo desta e das cidades vizinhas, e de uma Comissão da Federação Espírita do Paraná, presente o grande orador espírita dr. Jonny Doin, de São Paulo, no ato da inauguração da Escola Municipal «Gracinda Batista». Após o brilhante discurso do representante do sr. Prefeito Municipal, fiz a apresentação da fotografia da homenageada, falando sobre sua vida e suas obras.

Comecei dizendo da mediunidade, de que ela era portadora, salientando que foi, sem dúvida, essa a alavanca que acionou a sua evolução espiritual, segundo atestam as suas obras. Falei do carinho e respeito que ela consagrava à nossa Doutrina; do recolhimento (feito por ela) de mais de uma dezena de crianças órfãs, apesar dela já ter numerosa prole; da fundação do Asilo «Luiz Gonzaga», de Itapira; da assistência material e espiritual que dispensava aos necessitados em seu próprio lar; da transformação do seu humilde lar no magestoso e monumental «Sanatório «Américo Bairral»; e terminei agradecendo ao confrade Vicente, pela escolha do nome de D. Gracinda Batista para a denominação daquela Escola, ao sr. Prefeito Municipal e à Câmara de Vereadores, por tudo que fizeram para a realização daquela obra.

Resta-me agradecer ao estimado chará por me haver confiado tão grande respon-

sabilidade, da qual, graças ao auxílio do alto, pude-me desincumbir».

Em São Paulo

ANAIS DO CONGRESSO — A Comissão Permanente do II Congresso Brasileiro de Jornalistas e Escritores Espíritas, recentemente realizado nesta capital, designou uma subcomissão composta pelos srs. Eurípedes de Castro, Jorge Rizzini, e Herculano Pires, para elaboração dos anais daquele certame. A subcomissão já iniciou os seus trabalhos. Os anais serão submetidos, posteriormente, ao exame e aprovação da Comissão Permanente, para serem enviados à impressão.

SERÕES ESPÍRITAS — O Clube dos Jornalistas Espíritas realiza aos sábados, em sua sede, à rua de São Bento, 21, sobreloja, reuniões de estudo do «Livro dos Espíritos», chamadas «serões espíritas», que se prolongam das 19 às 21 horas. Os estudos são dirigidos, em forma de livre debate, pelo cronista Irmão Saulo.

No Paraná

PENA DE MORTE — Curioso debate sobre a pena de morte realizou-se recentemente em Curitiba. A convite do Centro Acadêmico Hugo Simas, da Faculdade de Direito da Universidade do Paraná, o revmo. padre Emilio Silva pronunciou naquêlo Centro uma série de palestras a favor da pena máxima. Entretanto, o apresentante do conferencista, o jovem acadêmico Jacob Hollzmann Netto,

bastante conhecido como pregador espírita, manifestou-se contra a tese. O fato teve grande repercussão, e o sr. Lauro Schleder, diretor do jornal «Mundo Espírita», publica, no último número dêsse periódico, interessante artigo a respeito.

Carnaval Canônico

Segundo noticiou a «Fôlha da Manhã», de São Paulo, em sua edição de 20 de março do corrente ano de 1958, o padre José Canônico, vigário da cidade de Descalvado, ofereceu aos seus paroquianos quatro bailes, durante os quatro dias dedicados ao deus Momo, «dos quais, lá está na notícia, participaram congregados marianos, filhas de Maria e membros de outras associações religiosas».

Assim depôs o Dr. Jaime Regalo Pereira, prefeito daquela cidade paulista:

Quando me vieram dizer que havia baile carnavalesco no salão paroquial, não acreditei, apesar que daqueles ladas vinham barulhos de vozes e sons de um samba bem ritmado. E então fui ver. E vi muito mais do que diziam: Vi os casais no bamboleio dos ritmos lascivos, saracoteando e rebolando pelo salão, alucinados pelo ambiente resplandente de luzes... a mesma atmosfera saturada dos perfumes e dos odores de uma noite carnavalesca.»

Não prossigamos no noticiário e nem comentemos o fato. Registemo-lo, apenas.

(De «Reformador», Maio de 1958)

Campanha Pró-Máquina de «O Clarim»

Donativos ofertados até a presente data: Cr. \$ 345.086,00.

Deixamos de publicar a relação nominal dos contribuintes para esta tão oportuna e útil campanha, porque já o estamos fazendo em «O Clarim».

Agradecemos a todos o valioso concurso nesta tarefa comum de trabalhar pela difusão da Doutrina.

Conselho Federativo Nacional

Órgão da Federação Espírita Brasileira

Súmula da Ata da Reunião mensal ordinária realizada em 7 de Junho de 1958

Com a prece inicial abre o Presidente os trabalhos e manda ler a Ata da reunião anterior, que é aprovada.

Expediente — Foi lida uma carta do Presidente da Federação Espírita Internacional sobre a difusão e o progresso do Espiritismo na Inglaterra, carta que também se refere ao entusiasmo dos europeus pelo movimento espirítico do Brasil.

Minas Gerais — O Conselheiro Dr. Miranda Ludolf informa que o III Congresso Espírita Mineiro, marcado para este mês de Junho, comemorativo do cinquentenário de fundação da União Espírita Mineira, será auspicioso e de notável resultado a prol da Doutrina Espírita.

Maranhão — O Conselheiro Dr. Clóvis Ramos fala sobre as atividades da Associação Espírita «Amigo dos Pobres», do Departamento de Juventude, e da Federação Maranhense, que mantém em plena atividade aulas de corte, costura, bordados e prendas domésticas e o Curso de Esperanto, além do fornecimento de sopa aos pobres e de merendas às crianças.

Rio de Janeiro — O Conselheiro Tenente Coronel Leví Lara comunica a realização, no dia 30 deste mês, em Niterói, da solenidade comemorativa da fundação da Federação Fluminense, e convida para ela a Federação Espírita Brasileira e o Conselho Federativo Na-

cional. O Presidente do Conselho nomeia representantes para a solenidade os conselheiros Luís Montorfano, Francisco Thiesen e Major Rui Vidal de Araujo. Ainda sobre o Estado do Rio, diz o Conselheiro Prof. Ramiro Gama que em 31 de maio último o Grupo Espírita «Fé e Esperança», de Três Rios, prestou tocante e sincera homenagem aos Espíritos do Dr. Guillon Ribeiro e de Manuel Quintão, reconhecendo e exaltando os grandes serviços por eles prestados ao Espiritismo.

Após longos e esclarecedores comentários do Presidente, secundado pelo Conselheiro Prof. Ismael Gomes Braga, sobre assuntos de interesse geral da Doutrina e difusão do Espiritismo através do Esperanto, por todo o mundo, encerra-se a reunião após a prece proferida pelo Representante do Amazonas, às quinze horas e cinquenta minutos.

De Jaú

Da União Municipal Espírita de Jaú, recebemos carta, assinada pelo confrade Júlio de Matos, 2.º Secretário da entidade, comunicando-nos a realização, naquela importante cidade, da 3.ª Semana Espírita, que observou, intensamente, largo programa de conferências públicas e várias outras solenidades, levadas a efeito nos dias 20 a 26 de maio último.

Falaram nas festividades os seguintes oradores: Roberto Previdello, dr. Luiz Francisco Giglio, José Rubens da Silva, Romeu Muzegante, prof. Emilio Manso Vieira, Carlos Jordão da Silva e prof. Anselmo Gomes.

«O Batismo»

Acaba de sair do prélo a 3.ª edição de «O Batismo», um dos interessantes livrinhos da lavra de Cairbar Schutel, que, em poucas páginas, resume uma explicação lógica sobre o palpitante assunto de que trata.

À venda na Livraria de «O Clarim» — Preço, Cr. 10,00.

Para porte e registro, Cr. \$ 6,00.

Espiritismo e Protestantismo

Acaba de sair do prélo e já se acha à venda, esta oportuna obra, já em 4.^a edição.

Contém ela 135 páginas e encerra uma polêmica em prol da verdade, — luta nobilitante travada entre o nosso companheiro Cairbar Schutel e o ilustre Professor Faustino Ribeiro, em o ano de 1908, pelas colunas de «O Alfa», de Rio Claro, valente campeão em favor do bem e da justiça.

Preço cr\$. 25,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro.

“Gênesis da Alma”

Comunicamos aos nossos prezados leitores, que acaba de sair do prélo e já se acha à venda na Livraria «O Clarim», a 7.^a edição de «Gênesis da Alma», da autoria do nosso companheiro Cairbar Schutel.

E' uma obra indispensável aos estudiosos dos assuntos anímicos e espíritas, pois trata da evolução da alma através das camadas inferiores da natureza até chegar a escala animal, hominal e ir para a frente até a escala dos sêres superiores.

E' um trabalho sintético e bem esclarecedor do assunto, ao alcance de todas as inteligências.

A' venda na Livraria «O Clarim».

Preço Cr. \$ 26,00, e mais 6 cruzeiros para o porte e registro.

OBRAS RECOMENDÁVEIS

Assuntos Evangélicos

Vida e Atos dos Apóstolos
O Espírito do Cristianismo
Cristianismo e Espiritismo
Na seára do Mestre
Em torno do Mestre
Na Escola do Mestre
O Espiritismo à Luz do Evangelho

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
O Céu e o Inferno
Obras Póstumas
A Genese
Instrução Prática sôbre as Mani-
festações Espíritas
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo
Principiante Espírita

Vários assuntos:

A Alma é Imortal
Animismo ou Espiritismo?
A Grande Esperança
Comentários à Historia das Religiões
Um caso de Desmaterialização
Animismo e Espiritismo
Ciência Metapsíquica
Evolução
A reencarnação e suas provas
O Esp. e os Problemas Humanos
A Loucura sob um novo prisma
A crise da Morte
Fenômenos de «Transporte»
A Psiquiatria em face da reencar-
nação
O Espiritismo à luz da crítica
Cientismo e Espiritismo
O Espiritismo perante a ciência
Depois da morte
O Espiritismo à Luz dos Fatos
A Reencarnação
Como os Teólogos refutam

Romances:

Ave Cristo
Amor e Odio
Nas telas do Infinito
Estela
Ó Sinal da Vitória
Almas Crucificadas
Casa Assombrada (A)
Canção do Destino
Do Calvário ao Infinito
Marieta
Marta
A Barqueira do Júcar
O Espírito das trevas
Vítimas do Preconceito
Eleonora
Alguem chorou por mim
Mireta
Almas que Voltam
O céu em nossas almas
Lidia
A Scnâmbula
O Chanceler de Ferro
Memórias de uma alma
A vingança do Judeu
Reis, Príncipes e Imperadores
Cruzada Redentora — 3 vols.

Infantis:

Conselhos ao meu filho (contos)
A Historia de Paulinho
Meu livrinho de Orações
Historietas do Irmão Monteiro
João Vermelho no Mundo dos Es-
píritos
Os meus deveres
História de Catarina
Escuta meu filho (contos)
Histórias que Jesus contou
Mensagem do pequeno morto
História de Maricota
Jardim da Infância
O Meu Diário
O Espiritismo na Infancia
O Evangelho das Crianças

Todas estas Obras acham-se à venda na Livraria «O CLARIM» — Caixa Postal, 11 - Matão - E. S. Paulo. — Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Director: *A. Watson Campêlo*

Redator: *Italo Ferreira*

Redação e Administração
MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua *Crônica Estrangeira*, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

Ano	—	Assinatura simples	Cr.\$ 90,00
Semestre	—	„ „	50,00
Ano	—	Assinatura registrada	150,00
Semestre	—	„ „	75,00

NUMERO AVULSO CR. \$ 8,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 :—: Rio de Janeiro

